



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

THAISA LOPES FERREIRA

**REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NAS OBRAS *LA CASA DE LOS
ESPIRITUS E INÉS DEL ALMA MIA* DE ISABEL ALLENDE**

Londrina
2012

THAISA LOPES FERREIRA

**REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NAS OBRAS *LA CASA DE LOS
ESPIRITUS E INÉS DEL ALMA MIA* DE ISABEL ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade
Estadual de Londrina.

Orientadora: Profa. Dra. Edméia Ribeiro

Londrina
2012

THAISA LOPES FERREIRA

**REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NAS OBRAS *LA CASA DE LOS
ESPIRITUS E INÉS DEL ALMA MIA* DE ISABEL ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade
Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Orientadora
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de _____.

A ele que já não está mais aqui, Francisco Carlos Queiroz Ferreira e a ela, que jamais abandonou o barco e sempre foi minha razão de vida, Maria Antônia Lopes.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer pessoa, quero agradecer a minha orientadora Profa Dra Edméia Ribeiro, por ter aceitado me orientar e mais do que isso, por ter me apoiado imensamente nessa empreitada. Jamais teria conseguido sem suas orientações, empréstimos de livros, entre outras, mas principalmente por sua sensibilidade.

Agradeço a minha família, Maria Antônia Lopes, Alberto Morita, Alexandre Morita e Anderson Morita que acreditaram e esperaram ansiosamente comigo por esse momento. Dedico este trabalho a eles, afinal, eles são tudo o que tenho de mais precioso.

Aos meus amigos e professores da graduação, cada um ao seu tempo e a sua maneira, por terem contribuído para minha formação e a tornado tão feliz e especial.

Quero também deixar registrada a minha eterna gratidão as queridas Celina Negrão e Fumiko Kayano, que sempre com muita simpatia e carinho me atenderam e socorreram no departamento de História.

Por fim, aos meus amigos, não de graduação, mas da vida, Larissa Vargas e Renan Barzan, que me deram todo o suporte psicológico que precisei para que conseguisse concluir minha graduação.

FERREIRA, Thaisa Lopes. Representações de mulheres nas obras *La casa de los espíritus* e *Inés del alma mia* de Isabel Allende. 2012. p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

Trabalhar com mulheres é um grande desafio. São muitas as idéias que cercam esta categoria, que por muito tempo fora deixada de lado. É preciso entender a maneira como são representadas e a partir do que o são. Este trabalho ficará no âmbito de entender como as mulheres são representadas por Isabel Allende, uma escritora chilena, nas obras *La casa de los espíritus* e *Inés del alma mia*, especificamente. As mulheres representadas tanto em uma obra quanto na outra, cada qual por seus motivos e a sua maneira, lutavam contra as convenções impostas a elas. É importante entendê-las como fruto de uma série de representações e organizações sociais. Não há como refletir sobre essas mulheres fora de seu contexto. Ao se pensar em representação de mulheres nas obras de Isabel Allende escolhidas, tem-se então um olhar sobre como essas personagens eram encaradas, e que papel tiveram dentro da História. Este trabalho não procura só entender a maneira como a escritora chilena representa suas personagens, mas também refletir a relação entre o contexto político e social e as construções das personagens femininas nas obras *La casa de los espíritus* e *Ines del alma mia*.

Palavras-chaves: história das mulheres, Literatura, Isabel Allende, representações, imaginário social.

FERREIRA, Thaisa Lopes. Women representation in the works "La casa de los espíritus" and "Inés del alma mia" by Isabel Allende. 2012. Completion fo Course Work(History Graduation) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

Working with women is a big challenge. There are a lot of ideas that surrounds this category, which had been left aside for a long time. One must understand the way in which they are represented and from what they are. This article will be in the scope of understanding how the women are represented by Isabel Allende, a Chilean writer, in the works “La Casa de Los Espiritus” and “Ines del alma mia”, specifically. The women represented in both works, each one for her reasons and in her way, fight against conventions imposed to them. And it is important to understand them as a result of several representations and social organizations. There is no way to understand these women out of their context. In thinking about women representation in Isabel Allende’s chosen works, one can have a perspective on how these characters were seen, and what role they played in History. This article doesn’t only mean to understand the way the Chilean writer represents her characters, but also to think over the relationship between the political and social context and the construction of the feminine characters in the works “La Casa de Los Espiritus” and “Ines del alma mia”.

Key Words: history of the women, Literature, Isabel Allende, representations, imaginary social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
DESENVOLVIMENTO	
1- Mulheres possíveis: representações femininas de Isabel Allende.....	16
2- Romance enquanto fonte para análise.....	38
CONCLUSÃO.....	50
ANEXOS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão apresentadas duas obras de Isabel Allende, *La casa de los espíritus* e *Ines del alma mia*. O foco será dado às personagens femininas, na maneira como são descritas e representadas no decorrer das obras. A temática desse trabalho tende a resgatar o discurso sobre essas mulheres, a suas influências na vida social e política da época.

É importante fazer-se um pequeno resumo das duas obras, a fim de que se possa entender melhor do que se trata este trabalho.

La casa de los espíritus, publicada em 1985, conta a história da família Trueba¹. É narrada nesta obra a realidade, os anseios, as lutas de cada personagem. Tudo com um pano de fundo mágico, espiritual. Apesar de toda a fantasia presente na obra, Allende não deixa de relacionar suas personagens com a realidade social, com a política enfrentada pelo país.

A autora escreve baseada em uma realidade vivida por sua própria família, complementando com alguns fatos e personagens fictícios. Esta combinação de realidade com ficção deixa a obra com um envolvimento no qual o leitor se sente dentro do imaginário criado pela autora.

Quando o jovem Esteban Trueba resolve casar-se com a bela Rosa, de cabelos verdes, não imaginava a trajetória que sua vida tomaria a partir dessa decisão. Com um golpe do destino, acaba tornando-se um bem-sucedido produtor rural. Com a morte misteriosa de Rosa, casa-se com sua irmã caçula, Clara, com quem tem três filhos: Blanca, Jaime e Nicolas. Os filhos do casal não poderiam ser mais diferentes, mesmo os gêmeos Jaime e Nicolas. Clara mantinha uma vida a parte; estava sempre às voltas com seus espíritos, suas levitações, suas premonições, seus hóspedes e suas reformas. Viviam num mundo à parte, porém se inteirava dos problemas dos que estavam a sua volta, ajudando os necessitados, abrigando desconhecidos. Esteban Trueba era dono de idéias arcaicas e mau gênio, que muito afetaram sua família. Blanca viveu um amor de uma vida inteira com Pedro Tercero, filho de colonos da fazenda de seu pai, *Las Tres Marías*. Conheceram-se crianças e se amaram desde o primeiro instante. Blanca engravidou de Pedro Tercero. Nesta época, em meio a muitos outros acontecimentos, Esteban Trueba entrou para a vida política, elegendo-se senador, cargo que exerceu durante vinte anos.

Após a morte de Clara, o senador Trueba perde as rédeas de sua vida. A única destinatária de seus carinhos era a neta Alba, sendo a única capaz de desafiá-lo. Entrou para a

¹ Um resumo expandido da obra pode ser encontrado nos anexos desta monografia.

faculdade de Filosofia, onde conheceu Miguel, um militante socialista que defendia que apenas a luta armada poderia modificar o país. Suas vidas já se haviam encontrado no passado, porém não se recordavam. A decadência final da família Trueba veio com vitória do candidato de esquerda a Presidência e o golpe militar que trouxe sangue, dor, fuga, desgraça, envolvendo todos os remanescentes membros dessa família, bem como todos os cidadãos chilenos.

La casa de los espíritus conta a saga de uma família e de um mundo, onde há misturas entre o real e o irreal, uma interpretação do ilusório. Um mundo onde a esperança, a violência, o autoritarismo andam juntos. O espaço criado por Allende coincide com o viver dos países latino-americanos.

De construção ficcional ou baseada na realidade, com os inevitáveis ajustes para tornar as obras mais interessantes ao leitor, certo é que nos defrontamos, seguidamente, com personagens fascinantes, que nos apaixonam por sua coragem, inteligência, força, dignidade e beleza, seja física ou da alma. É o caso de Inés Suárez, protagonista de *Ines del alma mia*², publicado em 2006.

Inés Suárez é uma jovem e humilde costureira espanhola que anseia também por viver uma vida de aventuras, vedada às mulheres, na pacata sociedade do século XVI. Inicialmente, seu avô a escolheu para que não se casasse e ficasse responsável por cuidar do mesmo durante a velhice. Porém, Inés se apaixona por um homem de muito charme mas pouco caráter, e acaba se casando com ele. Esse, ambicioso e sonhador, decide partir para a América a fim de enriquecer.

Ao saber da morte de seu marido, mesmo assim decide continuar na América. Conhece e se apaixona por Pedro de Valdivia, mestre-de-campo de Francisco Pizarro, ao lado de quem Inés enfrenta os riscos e as incertezas da conquista e fundação do reino do Chile. Neste romance épico, a força do amor concede uma trégua à rudeza, à violência e à crueldade de um momento histórico inesquecível. As suas expectativas começam a se realizar quando encontra Valdívia, e juntos dão início a uma jornada maior do que eles mesmos. Ao longo das páginas, tem-se a perspectiva da própria Inés, o que torna o livro de Isabel Allende mais humanista e por isso temos a história por trás da história. É com Valdivia e a comitiva de Francisco Pizarro que parte rumo ao que hoje é conhecido por Chile para desbravar o território e procurar ouro. Ao longo da jornada, toda a comitiva sofreu com as mazelas do deserto e a presença constante dos índios Mapuches, que resistiram à conquista dos espanhóis

² Um resumo estendido da obra se encontra nos anexos desta monografia.

por todo o tempo abordado pela história. Ao chegarem no Chile, fundam Santiago. Diferente de outras expedições que buscavam riquezas, a comitiva está muito mais inclinada à formação de uma sociedade justa, onde a força do trabalho seria respeitada mais do que o ouro. Começa, então, a colonização. Porém, a sombra inabalável dos índios é o que não deixa o sonho de Inés e Pedro se realizar. As descrições das batalhas são sangrentas, pois os índios lutavam bravamente. Em todas as lutas, as batalhas foram desiguais. Enquanto os espanhóis tinham armas, os índios tinham arcos e flechas, mas isso não os impediu de lutar. Inés assumia nas batalhas um papel crucial, junto com outras mulheres da colônia servia de enfermeira e cozinhava tortilhas para alimentar os homens atrás das trincheiras.

Ao longo de sua vida, Inés foi leal a Pedro nas batalhas e nos ideais, porém a vida colocou em seu caminho Rodrigo de Quiroga - no momento em que Valdivia a abandonou e voltou para sua esposa. Durante toda a história, temos sentimentos dúbios em relação à vida de Inés e a conquista do Chile. Sem sombra de dúvidas, Suárez foi caracterizada como portadora de extrema coragem, a ponto de seus sentimentos por Pedro estavam mais ligados ao ideal de uma sociedade igualitária do que ao amor que sentia por ele. Em paralelo temos os Mapuches, que apesar de ferozes, eram as maiores vítimas de toda essa situação.

O romance de Isabel Allende conta a história de uma heroína esquecida³, uma das poucas mulheres a participar da conquista do Chile, no século XVI. Allende narra a epopéia em primeira pessoa, na forma de autobiografia de Inés – que, à beira da morte, deixa seus escritos para sua filha adotiva. Inés é uma mulher ativa e vibrante, senhora do próprio destino, protagonista do nascimento de uma nova colônia onde colocou o seu coração e a sua alma, a sua alegria e a sua dor. Isabel Allende usou toda a sua capacidade investigadora para resgatar a trajetória dessa mulher de fibra e trazê-la até nós, para que possamos conhecê-la e aprender um pouco mais sobre a história da conquista da América espanhola.

É preciso ter um panorama geral das narrativas tanto de uma obra quanto de outra a fim de se entender o objeto deste trabalho, que são as mulheres representadas em cada obra.

As mulheres aqui protagonistas, cada qual por seus motivos e a sua maneira, lutavam contra as convenções impostas a elas. E é importante entendê-las como fruto de uma série de

³ No final da obra, em notas bibliográficas, Isabel Allende declara que para a produção de *Inés del alma* foram necessários quatro anos de pesquisas, uma vez que ao contar a história de uma personagem verídica, não queria ser acusada de uma imaginação patológica. Para tanto, a autora fez uso de obras que trabalhassem com a história geral do Chile como *Crônicas del reino de Chile*, de Pedro Mariño de Lovera e *História general de Chile* de Alfredo Jocelyn-Holt Letelier. Sobre a conquista, Allende conta com *Estudio sobre la conquista de América*, de Nestor Meza, *La era colonial*, de Benjamin Vicuña Mackenna e *El imperio hispánico de América*, de C. H. Harina. Há uma única novela que conta sobre a protagonista da obra, *Ay, mamá Inés*, de Jorge Guzmán.

representações e organizações sociais. Não há como entender essas mulheres fora de seu contexto. Elas não são meramente espectadoras.

Importante lembrar que essas narrativas não ficam meramente no campo da história das personagens e das fantasias. O que essas personagens vivem está ligado ao momento em que suas comunidades, se assim pode-se chamar, estão passando. Em *La casa de los espíritus*, o ápice da narrativa fica a cargo ao golpe contra o “Candidato”, que representava a ala socialista, Salvador Allende. As perseguições sofridas pelos opositores ao golpe, além das próprias dificuldades impostas pela ditadura, são retratadas com muito realismo na obra. É claro que essa realidade conturbada teria grande influência na vida dessas personagens. Na narrativa de *Inés Del alma mia*, a autora traz muitos detalhes sobre a conquista do Chile. O meio adverso totalmente estranho aos conquistadores, a relação entre os colonizadores e os nativos. Através da história de Inés, pode-se imaginar como se deu todo esse processo de colonização, desde a decisão de porque a região que hoje é conhecida como Chile, até mesmo com a própria relação com as crenças dos povos nativos.

Dessa maneira, é preciso entender que as duas narrativas não tratam apenas o cotidiano dessas mulheres, mas também o momento histórico vivido e de que maneira ele interferiu no seu dia-a-dia e como elas reagiram a isto.

A narrativa de Isabel Allende é rica em detalhes, descreve sobre o cotidiano das personagens de uma maneira ampla, mas principalmente o momento político no qual essas personagens estão inseridas.

Em um plano geral, se entende a mulher como um ser a parte da sociedade e conseqüentemente do âmbito político. É como se elas não fizessem idéia do que acontecia ao seu redor. O que se percebe na narrativa tanto de *Inés del alma mia* e *La casa de los espíritus*, é que as mulheres não estavam tão alheias a este mundo como parece. Algumas foram capazes de desafiar as autoridades impostas, seja pela figura do marido, seja pela figura do pai a lutarem por aquilo que acreditavam.

A partir do momento em que a História se abre para as incertezas há uma tendência em se ter novos caminhos e horizontes para se pensar a produção historiográfica. Por muito tempo, o estudo do imaginário foi deixado de lado. Isso se deve a crença de que o imaginário faria parte do falso e que o pensamento racional era o que de fato se levaria ao conhecimento⁴.

Há um esforço em se dar um conteúdo mais preciso a história do imaginário, que seria uma representação da realidade, o que não obriga a ser exatamente como a realidade. As

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. IN: **Revista Brasileira de História**: Representações Vol. 15, p. 09.

representações nada mais são do que uma forma de se entender não o que aconteceu como realmente aconteceu, mas o que se pensa sobre o que aconteceu ou até mesmo como gostaria que de fato tivesse acontecido. E é claro que não se pode esperar que uma representação seja parcial. Ela é um olhar sobre a realidade. Roger Chartier, na introdução de seu livro “História Cultural: entre práticas e representações”⁵, entende que as representações são imagens criadas para si a fim de representar um objeto ausente. Assim, as personagens femininas que serão descritas neste trabalho, são para Isabel Allende suas imagens de mulheres.

O imaginário social já não é encarado mais apenas como um ornamento de uma vida real. Há um crescente interesse em se entender a intervenção que este tem no coletivo. O imaginário tem um caráter manipulável. Entende-se que o real e o irreal não estão isolados, porém fazem parte de um todo. Bronislaw Baczko⁶ apresenta que o imaginário social tem um papel importante nos conflitos sociais, desempenham determinadas funções. Pensando sobre representações, não deixam de ser arbitrárias, pois é escolhida uma para significar outras. Os conceitos de representação e imaginário social serão trabalhados no decorrer do desenvolvimento deste trabalho.

As sociedades encontram diversas maneiras de representar sua realidade e a literatura seria uma maneira de se fazer isso. O casamento da literatura com a história aponta para que se possa entender o passado como um texto de leitura já feita, afinal o passado nos chega como um discurso ao qual aplicaremos um sentido. Na História, ao se trabalhar com obras literárias, por serem fictícias, gera certo mal estar entre parte dos pesquisadores, sobre a possibilidade de se confiar nessas obras como fonte histórica⁷. Dessa maneira, as obras de Isabel Allende, *La casa de los espíritus* e *Inés del alma mia*, não deixam de ser representações da sociedade apresentadas nas obras. São produtos de uma sociedade, mesmo que façam parte do fictício, ainda mais que essas obras não deixam de lado o contexto histórico em que estão, misturando a história de seu espaço, da sociedade como um geral, com a história das personagens. Nas obras aqui estudadas, temos em especial, *La casa de los espíritus*, que também tem muito da vida pessoal de Allende, já que esta é sobrinha de Salvador Allende, presidente chileno deposto com o golpe de Pinochet.

⁵ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Algés: DIFEL, 2002.

⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985, p. 303.

⁷ CAMILOTTI, Virginia & NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. IN: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan/jun. 2009. Editora UFPR.

Embora a ênfase seja dada justamente as mulheres que de alguma maneira transgridem as normas e padrões impostos a elas, Allende também tem a sensibilidade de discorrer sobre mulheres que preferiram se manter dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade. Mais do que isso, Isabel Allende caracteriza cada mulher em sua classe social, desde a patroa a empregada, a mulher da cidade e a mulher do campo.

Por muito tempo, a história das mulheres fora relegada ao esquecimento. Percebe-se claramente a influência do feminismo para que a história das mulheres começasse a ser estudada. Porém, fazer uma história de mulheres não é simples, deve-se considerar o papel variável que as mulheres exerceram na História⁸.

Embora o crescimento dos estudos da história das mulheres seja considerado pelo crescimento do feminismo, é importante lembrar que esses estudos também são sempre uma narrativa política.

Na atualidade, a História toma as mulheres também como objeto de estudo e sujeitos. Há então uma quebra na hierarquia, na oposição entre “história dos homens” e “história das mulheres”. A História Social irá ajudar a colocar a história das mulheres na narrativa histórica. A preocupação maior é integrar mulheres e História. Ao se ter uma “história das mulheres”, coloca-se a mulher como uma categoria social, com seus próprios interesses e características.

Ao se pensar em representações de mulheres em duas obras literárias, traz-se a tona também a discussão sobre o uso de tais elementos para o estudo de História. O romance não tem compromisso com o acontecido, porém fala do cotidiano, da vida comum, o que permite a possibilidade de identificação por parte do leitor com as personagens. Mesmo que os personagens não sejam reais, ao criar seu romance, um autor parte de sua própria realidade ao escrever. Em *La casa de los espíritus*, Allende parte da história de sua família para falar das mazelas do golpe militar. Em *Ines del alma mia*, trata de personagens que realmente existiram, baseadas em pesquisas feitas pela própria autora. Apesar disso, é lícito também a autora fantasiar fatos.

Mais uma vez, é importante pensar no passado enquanto algo que se apresenta como um discurso e a realidade é exterior a qualquer discurso. Não há como se resgatar a realidade em sua totalidade. Ao escolher obras ficcionais como fonte, é preciso ter em mente a relação conflituosa entre Literatura e História. Ao se pensar em representações de mulheres em duas

⁸ SCOTT, Joan. História das mulheres. IN: **A Escrita da história**: novas perspectivas. Organização de Peter Burke. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, PP. 65.

obras literárias, abre-se não só para a discussão do papel das mulheres, de seu espaço, mas também lança um olhar sobre a própria História, onde a linha que define o que é real e o que é fictício é tênue.

Este trabalho é composto por dois capítulos. No primeiro, será realizada uma discussão sobre a história das mulheres, como vem sendo estudadas e as dificuldades encontradas durante a pesquisa desse tema. É neste capítulo que serão apresentadas as personagens femininas representadas por Isabel Allende.

No segundo capítulo, a discussão será teórica, partindo dos conceitos de imaginário social e representações e a relação que se coloca entre História e Literatura.

1. Mulheres possíveis: representações femininas de Isabel Allende.

Antes de se fazer conjecturas sobre a história das mulheres, de onde vem a discussão e de que maneira é pertinente, é preciso entender como o papel da mulher vem sendo formulado, planejado pela sociedade. Por muito tempo a mulher foi representada como um ser pecaminoso, que levava os homens à tentação, baseada na idéia bíblica do pecado original. Assim, pensava-se que era preciso estabelecer normas de conduta para assim controlar essas mulheres. É através da repressão da sexualidade da mulher que podia-se ter controle sobre a mesma. A fé cristã controlava o sexo pelo casamento e pela confissão.

O interessante nessa longa discussão que atravessou séculos é que nela a repressão da sexualidade se realiza através do controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino. Nenhuma das colocações que mencionamos acima foi feita sem longa exposição de motivos e as explicações anatômicas, fisiológicas e teológicas caminhavam juntas, acrescidas de justificativas jurídicas⁹.

A figura feminina é ambígua, uma vez que sua figura é considerada perigosa ao se pensar no pecado de Eva e ao mesmo tempo pura, quando se tem em mente a figura de Virgem Maria¹⁰. A diferença entre homens e mulheres, socialmente, se dá pela prática do sexo, do que é ou não permitido a uma mulher - quando se coloca em discussão a sua honra, tendo em mente que honra e moral tem caráter cultural, uma maneira de estabelecer padrões. Ao feminino é esperado recato, pudor enquanto ao masculino, é necessário que haja certa experiência a fim de provar seu vigor sexual.

Ao longo do tempo, esses padrões morais são modificados e vão se adequando as novas demandas que a sociedade cria. Em relação às mulheres, o que se percebe é que mesmo depois de tanto tempo, ainda se vê a persistência de muitos desses valores, da mulher privada de muitos espaços, direitos apenas por ser mulher.

A história das mulheres se firma acompanhando as campanhas feministas por melhorias em relação trabalho e não só isso, mas até as mudanças, a expansão dos limites que até então se trabalha a História. Estudar a história das mulheres, incluí-las enquanto objeto de

⁹ CHAUI, Marilena. **Repressão sexual:** Essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

¹⁰ RIBEIRO, Edméia. A moral sexual: o discurso dos segmentos sociais. IN: **Meninas Ingênuas:** Uma espécie em extinção? Práticas, representações femininas e discurso do judiciário em Maringá – 1950- 1980. Curitiba: Aos quatro ventos, 2004.

estudo, é lutar contra padrões impostos dentro e fora da academia¹¹. É lançar um novo olhar sobre a História.

Ao se falar de história das mulheres, não é o falar apenas de determinadas mulheres, de exemplos a serem seguidos ou não, mas falar das mulheres enquanto um conjunto.

A história das mulheres acompanha o “movimento” das mulheres, a emancipação. E em meio a isso não se quer apenas buscar a história das mulheres no âmbito privado mas também se quer saber o papel das mulheres na vida pública¹².

Michelle Perrot em “Minha história das mulheres”¹³ trabalhará com a questão do silêncio da mulher que se fez por muito tempo, não só na historiografia, mas nos demais espaços. Para a autora, esse silêncio se deve por determinadas razões. Primeiramente, por serem “invisíveis”, não serem vistas no espaço público. Depois, tem-se o que Perrot chamou de “silêncio das fontes”¹⁴. Essa invisibilidade se dá por várias razões. O acesso a escrita por mulheres é tardio, sua participação no que é tido como público também. O que se tem sobre mulheres, é o que os homens escrevem sobre a mesma. E por fim, o silêncio do relato. O que se tem, é a história do espaço público. As mulheres não cabem nesse espaço.

Pensando em como nasceu uma história das mulheres, Perrot coloca a aliança da história com a antropologia¹⁵ (que começa a priorizar a família), a presença de mulheres na universidade e o próprio movimento de liberação das mulheres que criam a necessidade de se escrever uma história delas.

Se por um lado tem-se falta de vestígios, arquivos sobre as mulheres, há um grande acervo de imagens, discursos, literatura, que em sua maioria são obras feitas por homens. Há uma escassez na produção feminina, pelo menos de início. Muito material acabou por se perder, pois o que era produzido em arquivos privados, no âmbito familiar, acabou por ser destruído ou não levado em conta¹⁶.

Importante pensar que mesmo com a falta de vestígios, de documentos que permitam um estudo mais aprofundado sobre o tema, ainda há possibilidades de estudo, de uma visualização da situação da mulher em determinados períodos, como a participação da mesma em situações permitidas apenas aos homens. Exemplo disso é a pesquisa de Maria Lígia Prado, “A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América

¹¹ SCOTT, Joan. **A escrita da história**: novas perspectivas. op. cit. p. 73.

¹² Id. Ibid., p. 81.

¹³ PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. IN: **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁴ Id. Ibid., p. 17.

¹⁵ Id. Ibid., p. 19.

¹⁶ Id. Ibid., p. 30.

Latina.¹⁷ Muitas foram que acompanharam os soldados, algumas eram esposas, que lutaram lado a lado.

Um grande problema que encontramos segundo Prado, é que as biografias sobre essas revolucionárias eram realizadas por homens que, que via de regra, acabavam conferindo um papel secundário à essas mulheres. Uma questão importante, destacadas por esses biógrafos é que essas são caracterizadas por serem tomadas por paixões, que as levava a rebeldia, a quebra de preceitos da sociedade impostas ao seu sexo. Elas jamais seriam dotadas, porém de razão, não era por elas, por decisão delas que participavam das lutas. No geral, eram mães e esposas exemplares, que acompanham “seus homens” apenas.

O que Prado contrapõe é que essas mulheres eram movidas por razões próprias, eram dotadas de suas próprias opiniões, suas ações eram conscientes e premeditadas. Eram rebeldes, apaixonadas pela causa, e não modelos previamente criados para serem seguidos.

Finalmente, as vozes das mulheres podem ser ouvidas, conseguiu-se uma atenção. Se “mulher” não dá conta de representar toda a humanidade como “homem”, ao menos agora não é excluída da história.

É sobre esse olhar que este trabalho irá buscar as respostas aos objetivos que se propôs. É preciso entender de que maneira a história das mulheres vem sendo trabalhada, para se entender de que maneiras as próprias mulheres se representam, como se vêem e ao seu espaço. A escolha das fontes históricas deste trabalho não fora inocente. São obras de uma mulher, que na maioria de suas produções escreve sobre mulheres.

Antes que qualquer outro assunto seja abordado, é preciso conhecer bem o objeto com o qual se está trabalhando. No caso deste trabalho, é importante entender em que contexto as obras foram escritas e de que maneira foram construídas as personagens que irão nortear esta pesquisa. Embora na introdução e no anexo tenhamos apresentado já um breve resumo das obras e das personagens, esse capítulo terá por intenção retomar as personagens femininas na forma como foram representadas e o também momento em que essas obras foram escritas. Necessário também falar de quem escreve e para quem escreve.

A vida e obra de Isabel Allende se misturam muito com a política vivida no Chile. *La casa de los espíritus*¹⁸ foi escrita em 1982, nove anos após o golpe contra Salvador Allende,

¹⁷ PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação de mulheres nas lutas pela independência da América Latina. IN: **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração, 1999. PP. 28-51.

¹⁸ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. 1ª Ed. Buenos Aires: Editorial Sudaerica, 1985.

ocorrido em 1973. (O presidente Salvador Allende era primo do pai de Isabel Allende)¹⁹. Já *Inés del alma mia* é mais recente, de 2006, e a história se passa no período da conquista.

Isabel Allende escreve com paixão e nostalgia. Allende não se desvencilha de seu país de origem, de suas experiências vividas ali. *La casa de los espíritus* tem muitos pontos que convergem com a própria história de sua autora. É o que relata em sua obra intitulada *Mi país inventado*, que se pode entender como uma produção que fica entre a autobiografia e um ensaio, onde a autora, ao tentar se aproximar de seu país, Chile, desde suas configurações geográficas até a social, conta um pouco de sua vida, dos momentos de produção de algumas de suas obras, especialmente *La casa de los espíritus* que fora produzida logo após seu exílio. Este livro leva esse título, justamente por conta de seu exílio Allende questiona se pode chamar o Chile de seu país, mesmo que tenha uma relação nostálgica com o mesmo. A família descrita nessa obra se assemelha a família da mãe de Allende: “*Esa familia ficticia se parece en forma alarmante a la de mi madre; yo no podría haber inventado personajes como aquéllos.*”²⁰ Como em *La casa de los espíritus*, seu avô iria se casar com Rosa Barros, mulher de beleza invejada, mas esta morre misteriosamente. Este acaba por se casar com Isabel, irmã mais nova de Rosa. O avô de Allende vinha de uma família arruinada após o falecimento do pai (assim é a história do personagem Esteban Trueba). A própria “casa da esquina”, tão citada durante toda a narrativa, remete ao local onde a mãe de Isabel Allende nasceu e que seu avô gostava de rememorar.

*La idea de “gran casa de la esquina”, que figura en el libro, surgió de la antigua residencia de a calle Cueto, donde nació mi madre, tantas veces evocada por mi abuelo, que me parece haber vivido en ella.*²¹

Sobre a própria relação com a nostalgia, Isabel Allende rememora os momentos de seu passado no Chile e a maneira como as mudanças ocorridas nesse país irá alterar sua própria vida.

He dicho a menudo que mi nostalgia empieza con el golpe militar de 1973, cuando mi país cambió tanto, que ya no puedo reconocerlo, pero en realidad

¹⁹ Em 1993, fora produzido um filme hollywoodiano, sob a direção de Billie August. August fez uma leitura aberta, pessoal, sem compromissos com o conteúdo do livro e o rigor histórico, com a permissão total de Isabel Allende. ÁLVAREZ, Pilar Rubio. Berkeley. Una conversación con Isabel Allende. IN: **Revista Iberoamericana**. Berkeley, 2010, p. 1068.

²⁰ ALLENDE, Isabel. **Mi país inventado**. Buenos Aires: Debolsillo, 2004.

²¹ Id. Ibid., p.39.

*debe haber comenzado mucho antes. Mi infancia y mi adolescencia estuvieron marcadas por viajes y despedidas.*²²

Em suas obras, a coragem é característica indiscutível em cada uma das mulheres – mesmo que a coragem esteja vinculada ao amor, seja por quem for. Nota-se essa característica nas duas obras. Para Allende não é difícil entender mulheres fortes, pois em sua família isso era visto.

*Debo decir unas palabras sobre la bisabuela Ester, porque creo que su poderosa influencia es la explicación de algunos aspectos del carácter de sus descendencia y, de alguna manera, representa a la matriarca intransigente, tan común entonces y ahora.*²³

Importante lembrar que Isabel Allende escreve no exílio, privada de seus direitos, pois desde o golpe militar Allende se encontra fora de seu país (primeiramente em Caracas, Venezuela e depois Estados Unidos). A maneira como Isabel Allende coloca suas personagens, todas relembando seus momentos, revisitando o que já viveram a fim de que não se percam suas memórias faz com que, a narrativa de Allende possa ser percebida também como nostálgica.

*He sido forastera durante casi toda mi vida, condición que acepto porque no me queda alternativa. Varias veces me visto forzada a partir, rompiendo ataduras y dejando todo atrás, para comenzar de nuevo en otra parte; he sido peregrina por más caminos de los que puedo recordar. De tanto despedirme se me sacaron las raíces y debí generar otras que, a falta de un lugar geográfico donde afincarse, lo han hecho en la memoria; pero cuidado!, la memoria es un laberinto donde acechan minotauros.*²⁴

Em *Mi país inventado*, Allende discorre sobre sua admiração ao seu país de origem, mesmo que tenha vivido apenas até a adolescência. Com o segundo casamento de sua mãe com um diplomata, *o tio Ramón*, as mudanças de espaços foram constantes. Allende estabelece uma relação de nostalgia com o Chile. Mesmo que tenha saído jovem deste país, o Chile continuou sendo um referencial para Allende.

Em alguns momentos, as personagens de Allende sentem-se abandonadas. São abandonadas pelos seus amores, pais, e isso não ocorre necessariamente pelo físico, os

²² ALLENDE, Isabel. **Mi país inventado**. op. cit., p. 129.

²³ Id. Ibid., p. 43

²⁴ Id. Ibid., p. 13.

personagens (no geral os masculinos) são distantes, agressivos ou estão mortos. Allende explica essa característica de sua obra em razão do próprio abandono que sofreu pelo pai.

*Un día, cuando yo tenía alrededor de cuatro años, mi padre salió a comprar cigarrillos y no regresó más. La verdad es que no fue a comprar cigarrillos, como siempre se dijo, sino que partió de parranda disfrazado de india peruana, con polleras multicolores y una peluca de trenzas largas. Dejó a mi madre en Lima, con un montón de cuentas impagas y tres niños, el menor recién nacido. Supongo que ese primér abandono hizo alguna muesca en mi psique, porque en mis libros hay tantas criaturas abandonadas, que podría fundar un orfanato; los padres de mis personajes están muertos, desaparecidos o son tan autoritarios y distantes, que es como si existieran en otro planeta.*²⁵

Num espaço totalmente dominado pelos homens, Isabel Allende surpreendeu com o êxito de sua primeira obra, que foi *La casa de los espíritus*. Sobre essa situação, Allende dedica algumas palavras em *Mi país inventado*:

*En principio el trabajo o el intelecto de una mujer no se respeta; nosotras debemos hacer el doble de esfuerzo que cualquier hombre para obtener la mitad de reconocimiento. ¡Ni qué decir en el campo de la literatura!*²⁶

Ao discutir com a maior autoridade de sua família, seu avô, Allende já demonstra suas próprias queixas contra o patriarcalismo. A característica de “questionadora” estão presentes em suas personagens, algo que lhe foi tão fundamental durante toda a vida.

*[...] porque mi abuelo era autoritario y machista estaba acostumbrado a tratar las mujeres como delicadas flores, pero la idea del respeto intelectual por ellas no se le pasaba por la mente. Yo era una mocosa hosca y rebelde de quince años, que discutía con él de igual a igual.*²⁷

A condição de “ser mulher” inquietava Allende. Isso também é perceptível em suas obras. As personagens femininas tratam justamente da dificuldade em se definir um papel diferente do que o estabelecido a elas por serem mulheres. Elas não querem se sujeitar ao que

²⁵ ALLENDE, Isabel. *Mi país inventado*. op. cit., p. 47

²⁶ Id. Ibid., p. 71.

²⁷ Id. Ibid., p. 134.

lhes são impostos e consideram mais difícil lutar pelos seus objetivos por serem mulheres. Muitas passam a desejar serem homens, pois suas vidas seriam mais práticas, mais fácil. Há todo um pessimismo em ser mulher. É uma condição traiçoeira.

*Me parecía que haber nacido mujer era una evidente mala suerte; mucha más fácil resultaba ser hombre. [...] Me sentía asfixiada, presa en un sistema rígido, tal como lo estábamos todos, especialmente las mujeres que me rodeaban.*²⁸

Ela seria a partir desse fato, um dos nomes mais conhecidos entre os escritores latino-americanos. Em sua pesquisa, Verônica Cortínez²⁹ afirma que muitos foram os motivos dados a esse sucesso da escritora, entre eles, o exotismo das obras, o exílio político e até mesmo seu sobrenome. As influências de outros escritores também podem ser vistas como causa do sucesso de Allende e por outro lado, a própria escritora se colocava em posição de desafio ao discurso literário masculino, mostrando um pouco de sentimentalismo ao invés de somente a razão³⁰. Isso se torna perceptível à medida que vão se conhecendo suas obras e a característica mais forte de todas as personagens é o amor.

O que pode se notar nas duas obras estudadas aqui é que as histórias são contadas sob a perspectiva das mulheres. Elas são as personagens principais. Outra característica importante da obra é que as personagens lutam pelas minorias. Ao contrário do que usualmente se vê na literatura, nessas obras, as mulheres não são meramente coadjuvantes, a mercê das decisões de seus patriarcas, dos modelos que a sociedade impõe para elas. Elas quebram tabus. Há uma grande importância para todas essas personagens também em se preservar a memória, em forma de diários, os cadernos de contar a vida, que parte do próprio hábito de Isabel Allende de registrar suas memórias. Em *La casa de los espíritus* tem-se quatro personagens, quatro mulheres de uma mesma família: Nívea, Clara, Blanca e Alba. Todas elas representam a força, a determinação. São essas personagens que Isabel Allende descreve como sendo as que não se enquadram nos padrões impostos pela sociedade às mulheres. Ainda que se tratem de mulheres frágeis, que se mantenham sob os cuidados de seus patriarcas, não se deixam dominar totalmente pelos mesmos. Em contrapartida, Allende

²⁸ ALLENDE, Isabel. **Mi país inventado**. op. cit., p. 143.

²⁹ Professora do departamento de Português e Espanhol da Universidade da Califórnia. PhD pela Universidade de Havard estuda o cinema chileno, literatura hispano-americana colonial e contemporânea. Publicou duas obras intituladas *Cine a la chilena: Las peripecias de Sergio Castilla* e *Memoria original de Bernal Díaz del Castillo*.

³⁰ CORTÍNEZ, Verônica. El pasado deshonroso de Isabel Allende. IN: Revista **Iberoamericana** LX.168-169 (July-December 1994): 1135-41.

também descreve mulheres como Férula, que ainda se mantém dentro dos padrões estabelecidos. As personagens serão mais bem caracterizadas, uma a uma, no decorrer deste trabalho, uma vez que intenção aqui é trabalhar a maneira como Allende caracteriza suas personagens femininas. Mesmo as obras de ficção partem de algum ponto da realidade. Com as obras de Allende, não seria diferente, sabendo-se que a autora parte de sua própria realidade.

Essa família é caracterizada por fortes emoções, grandes envolvimento políticos e certa espiritualidade. A narrativa é emocionante, uma história comovente, sofrida. A obra tem um caráter exótico, como situações que levam o leitor ao mundo da imaginação, mas sem perder de vista sua “missão” de retratar a vida política no Chile e como se portava sua sociedade, desde o homem que fazia parte do mais alto escalão do governo até aqueles que trabalhavam no campo.

Já no começo da narrativa, Allende apresenta a ponte que se coloca entre homens e mulheres, o que deve ser permitido a um e não a outro e a razão disso. A forte religiosidade, que caracteriza essa sociedade, é que cria esta ponte.

*Procuró atribuir su malestar al momento del sermón del padre Restrepo cuando la apuntó para referir-se a los fariseos que pretendían legalizar a los bastardos y al matrimonio civil, desarticulando a la familia, la patria, la propiedad y la Iglesia, dando a las mujeres la misma posición que a los hombres, en abierto desafío a la ley de Dios, que en ese aspecto era muy precisa.*³¹

Nívea, mãe de Clara, lutava pelo direito de voto das mulheres, mesmo que fosse de forma discreta, durante as visitas de seus grupos de amigas (amigas essas que não entendiam a importância que Nívea dava ao fato) e algumas visitas a fábricas. Apesar de serem conscientes em relação as questões feministas, percebe-se no grupo de Nívea uma grande contradição pois enquanto discursavam para pobres operárias, que em grande maioria nem se sabiam exatamente o que o discurso das sufragistas queria dizer, essas mesmas mulheres pertenciam a um grupo social distanciado, viviam um contraste:

[...] Clara podía percibir el absurdo de la situación y describía en sus cadernos el contraste entre su madre y sus amigas, con abrigos de piel y botas de gamuza, hablando de opresión, de igualdad y de derechos, a un

³¹ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p.13.

*grupo triste y resignado de trabajadoras, con sus toscos delantales de dril y las manos rojas de sabañones.*³²

Apoiava seu marido em seus propósitos políticos, pois tinha em mente que se este conseguisse um cargo no governo, ficaria muito mais fácil para ela conseguir seu sonho:

*Su esposa Nívea prefería entenderse con Dios sin intermediarios, tenía profunda desconfianza de las sotas y se aburría con las descripciones del cielo, el purgatorio y el infierno, pero acompañaba a su marido en sus ambiciones parlamentarias, en la esperanza de que si él ocupaba un puesto en el Congreso, Ella podría obtener el voto femenino, por el cual luchaba desde hacía diez años, sin que sus numerosos embarazos lograran desanimarla.*³³

Clara, clarividente, claríssima, como era conhecida, era dessas criaturas mais sensíveis, que quase não fazem parte do mundo. Era mimada, tanto por seus pais quanto por seus irmãos mais velhos. Nem nos estudos nem nos dotes domésticos Clara se saiu bem. Nada ao seu redor parecia lhe atingir de fato.

*Clara habitaba un universo inventado para ella, protegida de las inclemencias de la vida, donde se confundían la verdad prosaica de las cosas materiales con la verdad tumultuosa de los sueños, donde no siempre funcionaban las leyes de la física o la lógica.*³⁴

Poder-se-ia pensar em Clara até mesmo como apática, uma pessoa sem reação. O que de fato não o era.

*La pequeña Clara leía mucho. Su interés por la lectura era indiscriminado y le daban lo mismo los libros mágicos de los baúles encantados de su tío Marcos, que los documentos del Partido Liberal que su padre guardaba en su estudio. Llenaba incontables cuadernos con sus anotaciones privadas, donde fueron quedando registrados los acontecimientos de ese tiempo, que gracias a eso no se perdieron borrados por la neblina del olvido, y ahora yo puedo usarlos para rescatar su memoria.*³⁵

Embora não fosse totalmente alienada ao mundo, era das extravagâncias de seus dons que ocupava boa parte de seu tempo. Casada com Estevan Trueba, ela se muda para a fazenda

³² ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p. 76.

³³ Id. Ibid., p. 12.

³⁴ Id. Ibid., p.77.

³⁵ Id Ibid., p. 72.

do marido onde auxilia as camponesas, numa tentativa de tornar a vida destas um pouco menos sofrida. Resolve construir uma escola e como sua mãe, resolve juntar um grupo de mulheres para discutir questões políticas (atividade a qual não teve muito sucesso, como sua mãe). Em uma conversa com sua filha Blanca - Clara justifica suas ações: “-*Esto sirve para tranquilizarnos la conciencia, hija - explicaba a Blanca -. Pero no ayuda a los pobres. No necesitan caridad, sino justicia.*” Mesmo assim, Clara não deixou de lado sua caridade, uma vez que no ano em que as doenças assolaram o Chile, especialmente aos pobres, Clara não mediu esforços para amenizar as dores daqueles desafortunados. Tornou-se conhecedora de todos os serviços do Estado e da Igreja que podiam ajudar os mais necessitados. Quando tudo mais faltava, acabava por abrigá-los em sua casa.

*Estaba muy ocupada socorriendo a los pobres en una tarea que no tenía principio ninfin. Salí muy temprano y a veces llegaba cerca de la medianoche. Vací los armarios de la casa, quitó la ropa a los niños, las frazadas de las camas, las chaquetas a su marido. Sacaba la comida de la despensa y estableció un sistema de envíos con Pedro Segundo García, quien mandaba desde Las Tres Marías quesos, huevos, cencinas, frutas, gallinas, que ella distribuía entre sus necesitados.*³⁶

Apesar de sua personalidade doce e frágil, Clara não se sentia intimidada em discutir com seu marido sobre aquilo que não a agradava, especialmente sobre os empregados, ao qual ela sempre se preocupava - especialmente com as mulheres e crianças. Essa era a única causa de discussão entre o casal. Depois de um tempo, Clara decidira que não dormiria mais junto de seu marido. Embora Trueba forçasse tanto a situação para conseguir, Clara passou a trancar a porta de seu quarto. Ela apenas mantinha a aparência de seu casamento para sociedade, em função de seu marido ser político. Ela participava das reuniões, a fim de dar impressão de uma família.

O único momento da vida de Clara em que se vira obrigada a abandonar sua infância tardia e cuidar das coisas da casa, fora na época em que um terremoto devastou o Chile. Esteban Trueba estava dentro da casa da fazenda na ocasião, e ficou gravemente ferido. A casa ficou inteiramente destruída, como o resto da fazenda. Clara, com ajuda de Pedro Segundo García, administrador de *Las Tres Marías*, se vê responsável por reerguer a casa, a fazenda e principalmente, a família.

Blanca, filha de Clara com Trueba, era mais emocional, sentimental. Era uma menina tímida. Apesar de todas essas características, Blanca não aceitará facilmente tudo que lhe é

³⁶ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p. 119.

imposto, tanto pela sociedade quanto pelo próprio pai. Passou sua infância e adolescência alternando entre a cidade e o campo. Na fazenda, fizera amizade com Pedro Tercero García, filho de Pedro Segundo, camponês da fazenda de Trueba - foi o amigo de sua infância e que se tornaria o amor de sua vida. Na visão de sua tia Férula, a convivência com Pedro a deixara com maus modos, uma vez que eram de classes sociais diferentes. Ao se apaixonar por Pedro a personagem se vê dividida entre fazer o que lhe impõem ou seguir seu coração. O próprio Pedro Tercero se colocava relutante sobre este sentimento, uma vez que sabia que seria impossível ficarem juntos, já que não pertenciam a mesma classe social. Mesmo assim se encontravam às escondidas e viviam uma paixão intensa. Mais do que isso, Blanca engravida e ao saber disso, Trueba a obriga a se casar com quem ele escolhesse, para assumir o “bastardo” (o casamento fora arranjado com o conde Jean de Satigny, vantagem política e social tanto para Trueba, que a partir de então teria um nobre em sua família, quanto para Satigny, que entraria para uma família de grandes posses). A idéia de casamento com o conde já havia sido cogitada antes mesmo da descoberta da gravidez, mas Blanca rejeitara sempre Jean. Clara também se opusera a esse casamento, tanto que no dia da cerimônia, ela nem participou. Apenas passou pela festa, depois de muita insistência de seu marido, mas mais por carinho à filha. Qual seria a reação da sociedade ao saber que Blanca estava grávida de um camponês? Sobre os “erros” de Blanca, Esteban culpa Clara, por ter dado uma criação libertina a sua filha, sem princípios e sem religião. Apesar da indignação de Trueba, Clara não vê mal algum na relação de Blanca e Pedro Tercero:

*-Pedro Tercero García no ha hecho nada que no hayas hecho tú -dijo Clara, cuando pudo interrumpirlo-. Tú también te has acostado con mujeres solteras que no son de tu clase. La diferencia es que él lo ha hecho por amor. Y Blanca también.*³⁷

Nesse momento, a preocupação não é só com o fato de estar grávida antes do casamento, mas por ter se relacionado com alguém que fazia parte de uma classe social inferior. Ao ver que a filha irá relutar em relação ao casamento, Trueba diz que Pedro Tercero está morto (que ele tinha certeza disso, pois ele mesmo o matara) e não restava alternativa para ela. Mesmo contra sua vontade, Blanca se vê obrigada a se casar:

³⁷ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p. 172-173.

*Blanca nunca pudo explicar a su madre las razones por las cuales había aceptado casarse, porque ni ella misma las sabía. Analizando el pasado, cuando ya era una mujer madura, llegó a la conclusión de que la causa principal fue el miedo que sentía por su padre. Desde que era una criatura de pecho había conocido la fuerza irracional de su ira y estaba acostumbrada a obedecerle. Su embarazo y la noticia de que Pedro Tercero estaba muerto terminaron por decidirla; sin embargo, se propuso desde el momento que aceptó el enlace con Jean de Satigny que jamás consumaría el matrimonio.*³⁸

Apesar de se encontrar em uma situação imposta, Blanca não perde o controle da situação. Mesmo não querendo se casar vê que a melhor solução é essa e seria muito mais fácil controlar um homem como o conde, que se sujeitava a casar com uma mulher grávida de outro apenas por interesses. Era mais fácil enfrentá-lo do que enfrentar a seu pai. Seu casamento não foi de todo um fracasso, pois contava com a compreensão do conde em relação a sua condição de apaixonada por Pedro Tercero; estes estabeleceram uma relação amistosa. A única discussão que tinham era sobre as finanças da casa. Acaba se vendo abandonada por Jean de Satigny, que foge deixando-a numa situação ambígua. Poderia ser ou não considerada uma viúva. De qualquer maneira, Blanca se sentia mais confortável com essa situação e volta a morar na casa de seus pais. Ali, ela cuida de toda a casa, uma vez que por mais que Clara tente, não consegue se entender com os serviços domésticos e dá aula de cerâmica a crianças excepcionais e meninas entediadas. Pedro Tercero retorna a sua vida anos mais tarde, sempre pedindo- a em casamento e essa se esquivando da resposta. Sabia que ao aceitar seu pedido, ela teria que rejeitar a vida confortável que tinha com os pais e seria excluída de seu círculo social.

Dessa maneira, Isabel Allende retrata como a mulher devia ser submissa ao patriarca, e não deveria ter vontades e idéias próprias. A mulher não passava de um objeto de prazer para os homens.

Alba, filha de Blanca e Pedro Tercero, é a última personagem da saga. Faz o papel de narradora em alguns pontos da história (em outros, a narrativa fica por conta de Esteban Trueba), que conta a partir dos livros de “escrever a vida” de sua avó Clara, ou seja, a partir de suas memórias. Sua infância fora toda mística, influência da sua avó e tios. Nasceu com todas as previsões positivas de sua avó:

³⁸ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p. 210.

«No hay que preocuparse por esta niña. Tendrá buena suerte y será feliz. Además tendrá buen cutis, porque eso se hereda y a mi edad, no tengo arrugas y jamás me salió un grano», dictaminó Clara al segundo día del nacimiento. Por esas razones no se preocuparon de prepararla para la vida, ya que los astros se habían combinado para dotarla de tantos dones.³⁹

A única que conseguia atingir o lado sentimental e carente de Trueba era Alba. Todas as manhãs, esta ia a seu quarto para acordá-lo e era a única que lhe dirigia gestos carinhosos. Nesse período, Trueba já era senador. Por ele, Alba ficaria a parte de tudo que acontecia no campo político, das influências comunistas, das condições que a maioria da população chilena vivia. O que não era de conhecimento de Esteban era que Alba convivía com Pedro Tercero. Alguns domingos, Blanca a levava para se encontrar com o pai, e entre uma conversa e outra, este lhe falava dos oprimidos e demais assuntos que Trueba proibira de se tocar dentro de casa.

É também através desta personagem que Isabel Allende irá caracterizar o horror dos tempos de repressão no Chile, as lutas que se seguiram, as torturas e as incertezas que o golpe militar trouxe à população chilena. Alba acaba presa nesse período e nem a influência de seu avô Trueba, sendo um senador e uma pessoa influente na política antes do golpe, pode salvar Alba do cárcere. Esta personagem, ao contrário das demais, foi a que participou diretamente das questões levantadas pelos oprimidos, teve mais contato com esses do que suas antecessoras. Isso fora instigado por seu relacionamento amoroso com Miguel, um dirigente esquerdista, estudante que conhecera na faculdade, e é através dele que Alba tem contato e se coloca a frente da realidade que é vivida pela maioria dos chilenos:

Por amor a Miguel, y no por convicción ideológica, Alba se atrincheró en la universidad junto a los estudiantes que se tomaron el edificio en apoyo a una huelga de trabajadores. Fueron días de campamento, de discursos inflamados, de gritar insultos a la policía desde las ventanas hasta quedar afónicos.⁴⁰

E é dentro do cárcere que com outras mulheres, outras realidades, Alba vai entendendo o que acontece a sua volta. Nesse momento, há uma relação de união entre as mulheres, uma cumplicidade que será mesmo durante os momentos de tristeza. São essas

³⁹ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p. 223.

⁴⁰ Id. Ibid., p. 271.

mulheres que dão forças a Alba a continuar, esta que foi vítima de várias violações dentro da prisão, sendo que ao sair do cativeiro, Alba descobre que está grávida. Com ela, a espera do nascimento de seu filho, de encontrar Miguel, finaliza-se a narrativa.

Através dessas personagens, Allende explicita várias formas de como as mulheres lutaram pelos seus espaços, contra a submissão, ao escolher com quem se relacionar, o que pensar, como agir. São mulheres que lutam por sua autonomia. Também nessa narrativa, Allende mostra como um golpe militar pode mexer não só com a estrutura de um país, mas como a estrutura do seio familiar, como a própria família se vê, seus valores e crenças. O golpe militar de Pinochet alterou a vida de todos os chilenos, cada um à sua proporção⁴¹.

*En todas las vidas humanas supongo que hay momentos en los cuales cambia la suerte o se tuerce el rumbo y hay que partir en otra dirección. En la mía esto há ocurrido varias veces, pero tal vez uno de los eventos más definitivos fue el golpe militar de 1973. Si no fuera por este acontecimiento, seguramente yo nunca hubiera emigrado de Chile, no sería escritora y no estaría casada com un americano viviendo em Califórnia; tampoco me acompañaría esta larga nostalgia y hoy no estaría escribiendo estas páginas.*⁴²

Todas essas mulheres, de alguma maneira, se colocam diante dos problemas que estão a sua volta, deixando por terra a idéia de que as mulheres viviam reclusas em suas casas sem do que acontecia na vida política e social de seu país. A narrativa de *La casa de los espíritus* trata de um dos momentos mais marcantes da história do Chile. E nesta obra, Isabel Allende deixa claro que a história das personagens cruza com a história do espaço ao qual estão inseridas. O golpe militar e a opressão que se segue, a desigualdade social, a luta por um país melhor, são discutidos no decorrer do livro, mais do que isso, Allende traça como cada classe social reagiu ao golpe, a tentativa do próprio governo em tentar passar a imagem de que tudo ficaria bem, que as “as coisas voltariam ao normal” e de que estavam livres do “perigo

⁴¹ Embora não seja o foco deste trabalho, não se pode deixar de falar sobre o golpe militar de 1973. Com a ascensão do socialismo, fruto de um processo que contempla a perda de poder da burguesia, o fortalecimento da classe operária e intervenção das Forças Armadas, a burguesia tenta recuperar seu poder, com isso o governo socialista chileno passou por diversas crises. O governo de Salvador Allende sofreu o golpe definitivo, comandado pelo General Pinochet, em 11 de setembro de 1973, onde incendiaram a sede do governo. O suicídio de Allende no momento do golpe, deixa dúvidas. O golpe fora sangrento, considerados por muitos “um banho de sangue”. A burguesia acabou por ajudar a criação de um Estado totalitário. GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Diversidades regionais: ditaduras no Prata, o reformismo militar no Peru e na Bolívia, a experiência socialista chilena. IN: **História contemporânea da América Latina:1960-1990**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1993.

⁴² ALLENDE, Isabel. **Mi país inventado**. op. cit., p. 165.

comunista”. Percebe-se esta questão, especialmente por Alba, que como toda a população teve sua vida transformada.

*Alba abandonó sus estudios, porque la Facultad de Filosofía, como muchas otras que abren las puertas del pensamiento, fue clausurada. Tampoco siguió con la música, porque el violoncelo le pareció una frivolidad en esas circunstancias. Muchos profesores fueron despedidos, arrestados o desaparecieron de acuerdo a una lista negra que manejaba la policía política. A Sebastián Gómez lo mataron en el primer allanamiento, delatado por sus propios alumnos. La universidad se llenó de espías.*⁴³

Mais do que sobre o momento político, Allende também constrói um perfil, representação de mulher correspondendo com as características de seus respectivos tempos históricos e posição social. Elas são mulheres que transgridem normas e padrões, mas não são nem se constituem párias da sociedade. Não questionam seu “lugar” de mulher. Trata-se de mulheres possíveis, que se colocam, mas não “batem de frente”, não rompem totalmente com os modelos e padrões que lhe são impostos.

Isabel Allende também retrata em sua obra, aquelas que se encaixam no perfil do que seria a mulher nesse período. São aquelas que, mesmo a contra gosto, aceitam sua “condição”.

Férula foi dessas que seguiram o que lhe fora imposto. Tratava-se de uma bela mulher, que teria tudo para casar-se e ter filhos, como era esperado das mulheres de seu contexto. Como era a única filha, ficou encarregada de cuidar da mãe doente (Ester Trueba), e assim, não se casou e nem saiu de casa até o dia em que a mesma faleceu. “*Férula había rechazado a dos novios, com ele pretexto de la enfermedad de sua madre. No hablaba de eso, pero todo el mndo lo sabía.*”⁴⁴ Esta personagem maldiz sua condição, mesmo que tenha sido sua opção seguir o que seria esperado de uma mulher naquela sociedade, ela era infeliz justamente por isso. “*Me habría gustado nacer hombre, para poder irme también – dijo ella llena de odio.*”⁴⁵ O sacrifício, as idas a igreja a fim de rezar pelos pobres e desafortunados era uma tentativa em trazer um pouco de calma a sua alma tão atormentada. Com a morte de sua mãe e sem nenhuma perspectiva de vida, aceitou o convite de Clara e foi morar com seu irmão. Ficou responsável por todo cuidado da casa, já que Clara não tinha dom para os serviços domésticos. Logo Férula cria um grande carinho por sua cunhada, tendo tolerância ilimitada e uma dedicação quase que servil a mesma. Esse cuidado era de tal forma exagerado que Férula

⁴³ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**.op. cit., p. 324.

⁴⁴ Id. Ibid., p. 44.

⁴⁵ Id. Ibid., p. 46.

se esquecera de cuidar dos demais da casa, tratava sua cunhada com tamanha devoção, como cuidara de sua mãe. Clara era a única que conseguia trazer a tona o lado doce e sensível de Férula. Os sentimentos de Férula por Clara chegavam a ser tão exacerbados que mais parecia uma paixão de amante do que de cunhada, o que provocara a ira de seu irmão Esteban, que acabou expulsando-a da casa. Férula morre sozinha, com vestes velhas em uma casa humilde. Dedicou seus últimos dias a rezar e cuidar dos necessitados. Ao se revoltar sempre com sua condição de mulher, de ver-se obrigada a cuidar da mãe, além de já ser muito velha para se casar, acaba morando de favor na casa do irmão, o que gerou um sentimento de culpa dentro de si, que compensava rezando e cuidando dos desafortunados.

Na personagem Pancha García é como se Allende representasse todas as camponesas apenas com ela. Como boa parte das mulheres de sua classe, era considerado normal que as mesmas fossem violentadas por seus patrões (muitas delas ainda virgens). Até mesmo para elas, isso era comum, aceitável, poucos foram os pais, maridos, irmãos que tiraram satisfações sobre o assunto. É perceptível essa representação das camponesas em duas passagens do romance de Allende. *“Se acerco al trote hasta colocarse a su lado, ella lo oyó, pero siguió caminando sin mirarlo, por la costumbre ancestral de todas las mujeres de su estirpe de bajar la cabeza ante el macho.”*⁴⁶ Em relação ao estupro, Allende reafirma essa aceitação por parte da mulher por considerar-se em condição inferior ao homem.

*Pancha García no se defendió, no se quejó, no cerro los ojos. Se quedó de espaldas, mirando el cielo con expresión desfavorida, hasta que sintió que el hombre se desplomaba con un gemido a su lado. Entonces empezó a llorar suavemente. Antes que ella su madre, y antes que su madre su abuela, habían sufrido el mismo destino de perra.*⁴⁷

“La Nana”, outra personagem, fora empregada da família Del Valle desde a infância de Clara e, com a morte de seus patrões, passa a trabalhar com a família Trueba. Era a mulher que havia nascido para cuidar dos filhos dos outros, para comer as sobras, se vestir com as roupas usadas e viver os sentimentos de outras pessoas. Trabalhou até a velhice e fora enterrada no cemitério geral, em uma cova comum.

Uma personagem interessante da narrativa é a prostituta Transito Soto. Essa mulher aparece em momentos decisivos da vida de Esteban Trueba. Este a conheceu no bordel que havia em uma região perto de sua fazenda. Transito Soto não amaldiçoa sua condição de

⁴⁶ ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. op. cit., p. 56.

⁴⁷ Id. Ibid., p. 57.

mulher muito menos sua profissão. Trata-se de uma mulher ambiciosa, que não pretende passar seus dias em um bordel de aldeia. Ao pedir dinheiro emprestado a Trueba, com a jura de que lhe pagaria assim que pudesse, Transito Soto se aventura a trabalhar na cidade. Primeiramente trabalha em prostíbulo com uma cafetina, mas depois acaba por criar uma cooperativa de prostitutas e se torna muito influente. Transito foi a única chance que Esteban teve de libertar sua neta Alba.

A personagem de Amanda passa por poucos trechos da narrativa. Sempre quieta, tinha uma visão pessimista do mundo. Estava com Nicolas, mas acaba por se apaixonar por Jaime, romance que ficou apenas no platônico. Amanda tinha a saúde muito debilitada e era responsável pela criação de seu irmão Miguel, o grande amor de Alba. Em nenhum momento da narrativa conta o que acontecera aos pais de Amanda e Miguel. Grávida de Nicolas, mesmo com esse dizendo que se casava, opta pelo aborto, pois não quer ter um filho com alguém tão irresponsável quanto Nicolas.

Na mesma linhagem de se discutir política e especialmente a participação das mulheres, tem-se *Inés del alma mia*⁴⁸. Nesta narrativa, porém, há uma diferença em relação a obra *La casa de los espíritus*, que é o fato da história de Inés Suarez não ser totalmente fictícia. No início da narrativa, Isabel Allende já deixa explicitado quem é Inés Suarez e sua importância para a conquista do Chile. Também afirma que trata-se de uma obra de intuição, que não será totalmente fiel a realidade. Ao final do livro, em notas bibliográficas, Allende explica como foi o estudo sobre a personagem, o tempo que levou, e os livros usados para tanto. Allende, quando questionada em uma entrevista sobre as personagens de seus livros, no geral, diz que todos seus personagens era a fusão de um pouco de realidade com ficção.

Inés seria uma mulher como qualquer outra de sua época, em uma Espanha na qual os homens mais aventureiros tinham esperanças de fazer riqueza no “Novo Mundo”. O destino de Inés seria traçado pelo patriarca e seria o de todas as mulheres: casar, ter filhos, cuidar da casa. Porém, não é com esse futuro que Inés sonha, ou não é isso que procura quando decide partir para o “Novo Mundo”: *“Me acaloraba aún en pleno invierno, vivía rabiosa conmigo y con el mundo por haber nacido mujer y estar condenada a la prisión de las costumbres.”*⁴⁹

A personagem dessa obra era uma mulher de coragem, determinação, força e inteligência. Esteve lado a lado de Pedro de Valdívia, general da Coroa Espanhola, durante a conquista e jamais recuou, mesmo quando esteve sozinha frente aos homens de Valdívia.

⁴⁸ ALLENDE, Isabel. **Inés del alma mia**. 1ª Ed. Buenos Aires:Areté, 2006.

⁴⁹ Id. Ibid., p. 29.

Inés casou-se jovem, com Juan, um homem sonhador e ambicioso. O sonho deste coincidia como de muitos outros homens: ir a América e enriquecer.

*Como tantos otros en aquella época, se nutría de las historias fabulosas del Nuevo Mundo donde los mayores tesoros y honores se hallaban al alcance de los valientes que estaban dispuestos a correr riesgos. Se creía destinado a grandes hazañas, como Cristóbal Colón, quien se echó a la mar con su coraje como único capital y se encontró con la otra mitad del mundo, o Hernán Cortés, quien obtuvo la perla más preciosa del imperio español, México.*⁵⁰

E como muitos, quando Juan conseguiu finalmente partir para o “Novo Mundo”, deixou sua esposa na Espanha sem esperanças de vê-lo novamente. Na Espanha, essas mulheres eram dadas como viúvas pois os maridos ou não voltavam ou acabavam por morrer na América. Muitas mulheres nem sabiam ao certo o que acontecera. Mas Inés não se contentará com essa sina e dessa maneira, decide que irá para a América, ao encontro de Juan. E trabalha duro para conseguir o dinheiro da viagem:

*Por fin obtuve licencia real para embarcarme a las Indias, después de gestionarla por años. La Corona protegía los vínculos matrimoniales y procuraba reunir a las familias para poblar el Nuevo Mundo con hogares legítimos y cristianos, pero no se daba prisa en sus decisiones; todo es muy demorado en España, como bien sabemos.*⁵¹

Ao chegar à América, descobre que seu marido está morto, mas mesmo assim, decide permanecer. Voltar para a Espanha jamais fora uma opção. Nessa ocasião, Francisco Pizarro, governador do Peru, decide conhecer Inés. Ao afirmar que deseja ficar, Pizarro pede então que Suarez seja discreta pois: “ *Y con discrecion, espero. La discreción es muy apreciada aqui, especialmente em las mujeres [...]*”. Com essa decisão, seu destino cruza com Pedro de Valdívia (Valdívia irá salvá-la da investida imprudente de outro homem) e estes se apaixonam:

⁵⁰ ALLENDE, Isabel. **Inés del alma mía**. op. cit., p. 21.

⁵¹ Id. Ibid., p. 30.

*Esa noche, la vida de Pedro de Valdivia y la mía se definieron. Habíamos andado en círculos por años, buscándonos a ciegas, hasta encontrarnos al fin en el patio de esa casita en la calle del Templo de las Vírgenes.*⁵²

E é ao lado deste que Inés fará parte dos responsáveis pela colonização espanhola e a luta contra os índios. Junto aos homens que partem com Valdívía em busca de novas terras, Inés será responsável por cuidar dos feridos e doentes, cozinhando e costurando roupas para os soldados⁵³.

*Hablábamos poco, porque teníamos la garganta ardiente y los labios resecos, pero estábamos juntos y cada paso nos unía más, nos conducía tierra adentro, al sueño que habíamos soñado juntos y que tantos sacrificios costaba: Chile.*⁵⁴

Um momento bem específico, em que Inés intervém de forma direta nas lutas armadas, é na ausência de Valdívía e quando sofrem um ataque surpresa de índios. Vendo que seriam massacrados, Inés toma uma medida drástica, mesmo que os presentes não concordassem com sua decisão.

*Y entonces enarbóle la pesada espada a dos manos y la descargué con la fuerza del odio sobre el cacique que tenía más cerca, cercenándole el cuello de un solo tajo [...] El hecho es que en cuestión de minutos había siete cabezas por tierra. Que Dios me perdone. Cogí una por los pelos, salí a la plaza a trancos de gigante, me subí en los sacos de arena de la barricada y lance mi horrendo trofeo por los Aires con una fuerza descomunal, y un pavoroso grito de triunfo, que subió desde el fondo de la tierra, me atrevesó entera y escapo vibrando como un trueno de mim pecho. La cabeza voló, Dio varias vueltas y aterrizó en médio de la indiada.*⁵⁵

Outro fator importante, é que Inés costumava participar das reuniões onde Pedro de Valdívía discutia com seus homens de confiança sobre o que deveriam fazer referente ao novo

⁵² Id. Ibid., p. 115.

⁵³ Sobre a conquista trata-se de um período turbulento. Embora os indígenas fossem mais numerosos, acredita-se que o sucesso da conquista dos espanhóis se deve a superioridade tecnológica. Além disso, os espanhóis foram auxiliados também pelas intrigas dentro e fora dos grupos indígenas. Os colonizadores fizeram uso da organização já existente dentro dos grupos para conquistar o território. Mesmo que em alguns momentos não se tivesse um embate físico, a consequência é a mesma, que é o extermínio da população indígena. LOPEZ, Luiz Roberto. A conquista. IN: **História da América Latina**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.

⁵⁴ ALLENDE, Isabel. **Inés del alma mía**. op. cit., p. 89.

⁵⁵ Id. Ibid., p.234-235.

espaço que estavam conquistando. Mesmo que de forma indireta, Inés Suarez opinava e tinha suas ideias ouvidas por Valdívía, mesmo que muitos homens não gostassem de sua influência sob Valdívía. As sensações, os sentimentos que são narrados, ficam a cargo de Allende.

O romance é contado sob o olhar de Inés, e não de outro homem. Ela decide escrever sua história, ou pelo menos parte de suas memórias, para sua filha adotiva Isabel e seus sucessores. É preciso que não se perca o que aconteceu, e como aconteceu. O fato de Inés saber ler e escrever, conhecimento que “pertencia” apenas aos homens, e ela mesma escrever seus relatos, já a coloca à frente ao seu tempo.

Uma questão ainda não mencionada é a liberdade sexual representada por Inés. Ela manteve relações sexuais com Juan antes do casamento e com Pedro de Valdívía jamais casou-se, pois esse já era casado na Espanha com Marina Ortizz de Gaete. Por último, pediu em casamento seu último marido Rodrigo Quiroga. Para ela, o sexo não era pecaminoso, e não havia nada de mal em sentir prazer durante o ato sexual, nem de mostrar ao homem o que de fato lhe agradava.

A personagem Inés transforma sua realidade. Quebra modelos e padrões impostos a seu sexo. Allende a representa como uma mulher que exige que os homens a respeitem, enquanto um ser com vontades próprias, capaz de lutar por sua sobrevivência e tomar decisões que influencie a vida de todos. Inés foi responsável pela formação da cidade de Santiago, participando ativamente da maioria das construções realizadas no período. Acabou por tornar-se uma mulher rica, independente e, principalmente, respeitada.

Marina Ortiz de Gaete, esposa de Valdívía, ao contrário de Inés, fora criada preservada do mundo. Casou-se ainda muito jovem e nada sabia sobre o cotidiano de um casal. Seu marido, de temperamento sóbrio a assustava. Sobre sua noite de núpcias, Marina nunca chegou a manter relações sexuais com o marido. Pedro, depois de tentativas frustradas, acabou por respeitar a inocência de Marina. Valdívía compartilhava suas leituras com a esposa, esta, porém, nunca teve coragem de confessar que mal sabia escrever seu nome. Aceitou de bom grado a ida de seu esposo a América, com a promessa de que enriqueceria. Enquanto isso, Marina continuava levando sua vida, alheia ao mundo.

Constanza, sobrinha de Inés, acompanhou-a durante a viagem da Espanha até a América. O sonho da menina era tornar-se freira. Porém, durante a viagem, se apaixonou por Daniel Belalcázar, um viajante. Ao chegarem a América, casaram-se e partiram para explorar o novo continente. Inés só voltará ver a sobrinha anos mais tarde.

Catalina fora uma das índias disponibilizadas para ajudar Inés. Esse era seu nome cristão. Apesar de sua condição de serviçal, tornou-se a melhor amiga de Suarez e a

acompanhou durante toda sua vida. Tratava-se de uma mulher misteriosa e desconfiada, nada se sabia de seu passado. Conhecia plantas medicinais e métodos curativos desconhecido aos espanhóis e resolveu adotar o idioma e os costumes espanhóis.

Cecília, uma princesa inca, mantinha relações com Juan Gomez, oficial de Valdivia. Abandonou sua vida de conforto para acompanhá-lo até o Chile. Estava grávida, o que tornou sua viagem mais árdua. Porém, contava com seus servidores, responsáveis apenas por cuidar da mesma. Apesar de ter sido criada com todas as regalias, Cecília se mostrou mais forte e corajosa do que parecia durante todo o processo que levou à criação da colônia que seria, futuramente, o Chile. Trabalhava juntamente com Inés e Catalina. As índias que trabalhavam para ela, serviam também de ponte para a cultura indígena e espanhola. Cecília acabava exercendo a função de espiã, uma vez que ficava sempre atenta a qualquer possibilidade de invasão na colônia por mapuches.

Mesmo sem o devido valor, as mulheres muito trabalharam durante as batalhas que levaram a conquista do Chile, cuidando dos feridos, ajudando a reconstruir casas, cuidando da alimentação, desde o plantio ao preparo.

Tanto *La casa de los espíritus* quanto em *Inés del alma mia*, Isabel Allende fala de mulheres que lutaram contra modelos e padrões, contra seus patriarcas e mesmo que de forma tímida, mostram um outro lado de mulheres que não se sujeitaram aos costumes das sociedades nas quais estavam inseridas. Todas elas lutaram não só por sua independência, mas também por aquilo que acreditavam tornar o espaço em que viviam num lugar melhor, mais justo.

As mulheres, nas duas obras estudadas são colocadas como movidas pela paixão pelos seus companheiros e não por que são movidas por ideais próprios. Aliás, as paixões e os ideais se misturavam, como se essas mulheres não pudessem separar um do outro.

O feminino por muito tempo fora oprimido, omitido, mas sempre se tem mulheres que como Isabel Allende (e suas personagens, que tem um pouco de autobiografia), farão o trabalho de tirá-las do esquecimento e representá-las de alguma maneira, mesmo que seja no âmbito ficcional. Uma vez familiarizados com as fontes que são os objetos que instigam esse trabalho, como entender de fato essas mulheres? Seu papel dentro do espaço ao qual estavam inseridas? Seriam elas exceções, apenas imaginações de Allende?

Neste capítulo, se fez necessário apresentar não só o universo das personagens, mas também o próprio universo de Isabel Allende. Era preciso entender de que “lugar” vem a voz de Allende, e como através da sua arte – os livros – ela trata da história do Chile e toca os imaginários sociais...

2. Romance enquanto fonte para análise.

O estudo sobre o imaginário surge à medida que novos questionamentos são feitos, novos olhares se abrem para a História. Se a história das mulheres também ganha espaço com essas novas abordagens historiográficas, o imaginário começa a ser pensado a partir do fim das crenças de verdades absolutas. Por muito tempo, com a primazia do saber científico, o imaginário era considerado deformador.

[...] o projeto de uma história global, capaz de articular num mesmo apanhado os diferentes níveis da totalidade social; a definição territorial dos objetos de pesquisa, geralmente identificados com a descrição de uma sociedade instalada num espaço particular (uma cidade, uma província, uma região) – que era a condição de possibilidade da coleta e do tratamento dos dados exigidos pela história total; o primado conferido ao recorte social considerado capaz de organizar a compreensão das diferenciações e das partilhas culturais. Ora, este conjunto de certeza abalou-se progressivamente, deixando o campo livre a uma pluralidade de abordagens e compreensões.⁵⁶

Com a chamada “Nova História Cultural”, permite-se trabalhar com novos objetos, como as representações coletivas, que podem, por exemplo, serem realizadas por intermédio da arte, da literatura. Sandra Jatahy Pesavento⁵⁷ considera que o domínio da representação, o que é expresso por ela tem outro sentido além do que já manifesto. E o imaginário pode ser pensado enquanto representação a medida que revela um sentido além do aparente. Ao fazer a apresentação de seu livro “A Nova História Cultural”⁵⁸, Lynn Hunt defende a importância de se entender as representações como algo a dar sentido a realidade, está intimamente ligado ao cotidiano: “Todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo⁵⁹.”

Para Bronislaw Baczko, a associação de imaginário social e os problemas que isso gera, tem feito rápida carreira nos estudos de ciências humanas. Acabou, pois, que esses estudos se tornaram um tema na moda.

A existência e as múltiplas funções dos imaginários sociais não deixaram de ser observadas por todos aqueles que se interrogavam acerca dos mecanismos e estruturas da vida social e, nomeadamente, por aqueles que verificam a

⁵⁶ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. IN: **Estudos avançados** 11(5), 1991.

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. op. cit., p.16.

⁵⁸ HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁵⁹ Id. Ibid., p. 25.

intervenção efectiva e eficaz das representações e símbolos nas práticas colectivas, bem como na sua direcção e orientação.⁶⁰

Há relevância ao estudo de modo que se entender que as representações e símbolos intervêm no coletivo. O imaginário é produzido espontaneamente, porém a produção de representações coletivas, a partir do que é imaginado, é um tanto restrita, por conta das hierarquias sociais. O imaginário social pode ser algo criado arbitrariamente, sendo manipulável. O homem tem por necessidade, criar uma imagem de si e do outro.

O princípio que leva o homem agir é coração, são as suas paixões e desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem enérgica dos símbolos e dos emblemas.⁶¹

Não há uma representação única sobre uma única coisa, mas sim uma representação que é escolhida arbitrariamente a fim de significar outras e definir sobre as práticas: “As representações coletivas exprimem sempre, num grau qualquer, um estado do grupo social, traduzem a sua estrutura actual e a maneira como ele reage frente a tal ou tal acontecimento, a tal ou tal perigo externo ou violência interna.”⁶²

As relações sociais não estão apenas no físico e material. Para a psicanálise, Baczko afirma que a imaginação é uma atividade própria do sujeito a fim de ajustar o mundo quanto as suas necessidades e conflitos. Este autor aponta:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais etc. [cf. Gauchet 1977]. O imaginário social é, pois, uma peça efectiva e eficaz do dispositivo de controle da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder.⁶³

O que unifica os imaginários sociais é sua fusão entre valores e informações, onde se opera no e por meio de simbolismo. O imaginário social informa acerca de uma realidade e também instiga a comportar-se de determinada maneira.⁶⁴

⁶⁰ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. op. cit., p.299.

⁶¹ Id. Ibid., p. 301.

⁶² Id. Ibid., p. 306.

⁶³ Id. Ibid., p. 309-310.

⁶⁴ Id. Ibid., p. 311.

O imaginário social chega na forma de discurso, onde as representações coletivas se reúnem numa linguagem, sendo que sua influência sobre as mentalidades depende de como irá difundi-los.⁶⁵

O trabalho da história cultural é identificar a maneira como diferentes lugares em diferentes momentos, constroem uma realidade social. As representações do mundo social, apesar de se esforçarem por diagnósticos fundados na razão, acabam determinadas por interesses dos grupos que as criam. Assim é importante ter em mente que os discursos estão intimamente ligados a posição de que faz uso dos mesmos. As percepções que se tem do social jamais são neutras.⁶⁶

Entender as representações é importante ao ponto de se fazer compreender a maneira como um grupo expõe sua concepção de mundo, seus valores e seu domínio. Assim, cada grupo descreve a sociedade como a pensa ou como gostariam que fosse.

Para Roger Chartier, representações podem ser entendidas de duas formas: “[...] por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém.”⁶⁷

De modo que, ainda para o autor, a representação serve para tornar algo ausente em algo presente na mentalidade: “Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é.”⁶⁸

Mesmo com a crise dos paradigmas e com a quebra da idéia de uma totalidade na História, não se deve entender a definição de imaginário como a solução de todos os problemas da História. O imaginário deve ser entendido enquanto visão de mundo. Não apenas como uma visão de mundo, mas uma representação do mesmo. E entender que as representações são também produtos dos interesses e da bagagem cultural de seus agentes.

O passado também se apresenta dessa maneira, em forma de texto, que será lido e aplicado um sentido a ele. A aliança entre a História e a Literatura traz a luz essa busca de significados. Como romancista, o historiador poderia ouvir outros pontos de vista, incluindo o seu, e se fazer ver todos eles em sua narrativa.

O romance fala do cotidiano, do trivial. Para o leitor, existe a possibilidade de identificação com o personagem. Há também uma expectativa na realidade das ficções,

⁶⁵ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. op cit., p. 311-313.

⁶⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. op. cit., p. 17.

⁶⁷ Id. Ibid., p. 20.

⁶⁸ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. op. cit., p. 184.

muitos escritores se aproveitaram do fato para justificar suas demoras em publicações alegando que precisavam de tempo para pesquisar as personagens.

A Literatura não deixa de ser um bom material a quem pretende trabalhar com história das mulheres. O objeto seria espelhado pelo discurso do historiador. É quando a subjetividade começa a ser considerada, é que o uso de tipos de fontes é questionado.

Para Eberhadr Lammert, o passado é entregue por histórias contadas, anotadas. Por mais crítica que seja a maneira de se trabalhar com as fontes, o que se tem são imagens que cada um faz para si do passado.

Se frente a uma tal produção implícita de visões de História e também frente à historiografia categórica ainda resta alguma coisa para o romance, então é aquilo que a literatura ficcional, em todos os tempos, sempre teve vantagem sobre historiografia: romances podem, com a força imagética imediata de seus textos, não apenas animar o diálogo entre passado e o presente de seus leitores de forma sempre nova, como podem também desentranhar uma de relações de vida para as quais nem as instituições sociais nem as ciências jamais encontraram, no passado ou no presente, soluções compatíveis com a dignidade humana.

Pensando nas obras literárias em si, recorre-se a Nicolau Sevcenko, mesmo se tratando de obras literárias brasileiras do período republicano: “Ambas procurando condensar toda a substância social e cultural, captada pela experiência de vida dos autores, através de sua forma particular de inserção nas mudanças [...]”⁶⁹.” O título da obra de Sevcenko já faz menção a visão do autor sobre a Literatura. Literatura com missão, não apenas fruto da imaginação de autores, de diversão, mas como parte da sociedade ao qual está inserida.

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre idéias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo como os demiurgos da lenda grega o faziam⁷⁰.

Valores éticos e morais são impressos nas obras, o que acontecia era transcrito nas letras, trazendo modos originais de observar, compreender e exprimir:

⁶⁹ SEVCENKO, Nicolau. Confronto Categórico: a Literatura como Missão. IN: **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁷⁰ Id. Ibid., p. 233.

[...] a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção⁷¹.

Para Lloyd S. Kramer, algo impulsionar os historiadores a buscar dentro da literatura, seus objetos de estudo.

A busca de novas formas de abordar o passado levou os historiadores à antropologia, economia, psicologia e sociologia; no momento, essa busca os está conduzindo para a crítica literária⁷².

A função do historiador, ao se deparar com sua fonte e se voltar ao passado, dando-lhe um sentido.

A tarefa do historiador, portanto, consiste em desenvolver um “diálogo” no qual se permita que o passado autônomo questione nossas tentativas recorrentes de reduzi-lo à ordem⁷³.

Em *La casa de los espíritus* e *Ines del alma mia*, Isabel Allende representa o que para ela, são as mulheres, seu cotidiano, suas dificuldades. Por outro espectador, a descrição poderia ser diferente, outras características seriam levadas em consideração. A forma como representa as suas personagens femininas pertence tão somente a Allende. É a partir de suas experiências, de suas impressões, é que partem suas personagens, tanto feminina quanto masculina. Isso não significa que suas personagens sejam meramente ficcionais.

Porque são imaginadas por Isabel Allende, não significa que não existam, não deixam de ser uma representação de mulheres do mundo. O que quero dizer que ao falar de mulheres, Allende não fala de todas para todas, mas não deixa de representar uma parcela delas.

Ao se entender o imaginado representado, trata-se do pensado e expresso e não há possibilidade de sua existência sem uma interpretação. Há um sentido, uma vez que é uma interpretação de mundo. Com isso, pode-se entender o imaginário como uma representação da realidade, uma forma de entendê-la, de concebê-la, não um reflexo dela. Não se trata do que

⁷¹ SEVCENKO, Nicolau. **Confronto Categórico**: a Literatura como Missão. p cit p. 246.

⁷² KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. IN: **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁷³ Id. Ibid., p.139.

realmente aconteceu, como aconteceu, mas sim o que foi pensado e/ou compreendido sobre o mesmo.

O real – algo impossível de caracterizar-se – oferece elementos para a construção do discurso. O discurso, o representado é o outro lado do real. Embora se trate de obras ficcionais, a linha que separa o vivido da ficção é tênue. Nas obras aqui estudadas, Allende consegue traçar um perfil da sociedade à qual está inserida, partindo de sua visão sobre a mesma; a autora parte de sua própria realidade. A Literatura em si teria essa função de criar um perfil ou perfis em relação a determinada sociedade. Isabel Allende, ao falar especialmente de mulheres, cria um perfil das mesmas. Mas a que mulheres a autora se refere? Condiz com a classe social e espaço em que está inserida, o que se leva a perguntar se essas mulheres se sentem pressionadas ou excluídas pelas mesmas razões. E de que forma também, essas mulheres não deixam de ser representações da própria autora, de sua realidade... Essas questões que nos tocam...

É preciso entender que o passado sempre está sendo recriado, reescrito, conforme a convicção de quem o escreve. Se for possível questionar o fato de Allende escrever sob suas perspectivas, porque o historiador agiria de outra forma? O que diferencia um romance histórico e um texto historiográfico? Ambos não seriam então representações de uma realidade? Afinal, os historiadores também são produtores de textos. Importante ter em mente que o que separa a História e Literatura é o campo, pois a Literatura faz parte da arte, o que permite a livre criação, não tendo nenhum compromisso com a realidade. Já da História, é exigido um compromisso com os acontecimentos, e para tanto, o trabalho do historiador é se debruçar sobre os documentos – mesmo que este documento esteja no campo da arte, seja uma representação de mundo, de um fenômeno, realizada por um artista. O historiador sempre se baseia em produções, escritas de outros também para referendar sua pesquisa, sua análise. É claro que o historiador também é criador de sentidos, e sendo assim, parte de sua concepção e imaginação de mundo para criar algo. Por isso, o que o historiador produz é subjetivo.

Então, se a ficção é a marca da literatura (da arte), a subjetividade é a marca da História. Mas como a História pretende ser ciência, há que se basear em fontes, documentos para respaldar seus resultados.

Tanto em *La casa de los espíritus* e *Ines del alma mia*, o que se percebe que há a busca pelas memórias. Um romance histórico não pode ser considerado a própria História. Não se trata em transformar a História em ficção, mas pode-se pensar o passado enquanto uma construção de linguagem.

O romancista, no caso Allende, não tem compromisso com a verdade sobre os fatos que narra. A autora parte de um ponto de vista, de sua própria realidade que não deixa de fazer parte da realidade coletiva. Mesmo que as personagens não sejam reais, sua inspiração, suas características, anseios podem muito bem serem reais, elas não são pensadas totalmente fora do mundo.

O historiador não inventa, mas sabe que não está a serviço da verdade ao passo que a Literatura cria personagens que não estão fora daquilo que pode ser considerada realidade. A Literatura há muito se apropriou do discurso histórico. Os romances históricos são a grande prova disso. Muitos autores se apropriam ao criar seus romances pautados em fenômenos históricos. Tanto para História quanto para a Literatura, o humano e suas atividades é um objeto de conhecimento. A questão aqui é que o romance não se importa tanto com os grandes eventos, a história de grandes homens, mas com o cotidiano, com o trivial, como aqueles que muitas vezes a própria História deixou de lado,⁷⁴ como é o caso das mulheres. A proximidade entre História e Literatura é quase sempre problemática. Ao se trabalhar com esta vertente, não é apenas entender romances enquanto fonte histórica, mas questionar também a maneira que a própria História vem sendo escrita. É um debate amplo, que este trabalho não ter por intenção discutir.

A leitura é um processo individual. O mesmo texto, produzido com uma significação, pode ser entendido de várias maneiras. Ao serem produzidos, os livros não passam apenas pelo crivo de seu autor, mas por uma série de etapas, que não devem ser deixadas de lado ao se pensar em todos os sentidos que um texto pode ter.

A relação autor, texto e leitor não é feita diretamente⁷⁵. Há um longo caminho que separa o relato oral e a escrita impressa. Numa edição, se preocupa com o que o público quer ler, o que é capaz de entender e como será a recepção do mesmo ao público. Muitos consideram que a razão para tamanho sucesso de Isabel Allende, seja pelo exotismo presente em suas obras.

Mesmo que o livro não mude, o mundo muda e conforme isso se dá, a leitura do mesmo também muda. Há inúmeras possibilidades de leituras. É preciso atentar para o formato do livro, o gênero a que pertence, o momento em que foi produzido, quais foram os seus leitores, etc...

⁷⁴ Vale lembrar que hoje a História também não mais pauta-se pela vida de “grandes” homens nem menos nos “grandes” acontecimentos. Os historiadores também se interessam pelo cotidiano, pelas pessoas “comuns”.

⁷⁵ CHARTIER, Roger. Textos, impressos e leituras. IN: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Algés: DIFEL, 2002.

Quando Allende dá total aval ao diretor Bille August para usar sua obra e reproduzi-la no cinema, como esse achasse melhor, a autora permite leituras diferentes das quais deve ter de seu próprio trabalho. Acaba que o autor não é dono de seu trabalho.

Trabalhar com História e Literatura é definir as fronteiras entre o que é imaginado e o que é vivido. Entre o que é fato e o que ficção. É lícito considerar que o discurso histórico tem elementos literários e isto não o transforma em literatura. Ao entender o passado como uma construção de linguagem entende-se a mistura entre História e ficção.⁷⁶

O romance moderno, quando surge no século XVIII, cria a polêmica de como irá afetar a realidade, considerando que no momento de seu surgimento os leitores poderiam não conseguir diferenciar entre seria ficção e realidade. A proximidade do romance com a realidade traz confusões quanto ao caráter ficcional do mesmo, transformando-o assim em uma guia de conduta. O romance moderno começou a prestar-se o papel de um tratado de moral⁷⁷.

No século XIX, se vê a supremacia da história política. Não que não se realizasse uma história cultural, mas é que esta era marginalizada. Ainda nesse período, houve críticas a essa maneira de se entender a História. Mas foi no século XX, com a Escola ou Movimento⁷⁸ dos Annales, é que as críticas a historiografia com viés político são mais intensas⁷⁹.

A partir de 1968, quando a Escola dos Annales é associada a “Nova História”, é que há de fato uma abrangência de temas, como a morte, a criança, a mulher. Não foram apenas as concepções de temas que se modificaram (do que fazia parte ou não da pesquisa histórica), mas também as formas como as fontes são encaradas. Há um novo entendimento sobre o que é uma fonte histórica⁸⁰.

Sobre a relação História e Literatura, desde a Antigüidade, já se era pensado. Aristóteles entendia que a diferença entre História e Literatura se dava justamente em que uma conta a história verdadeira, como tudo realmente aconteceu e que a outra se tratava de uma história inventada⁸¹.

⁷⁶ WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. IN: **Nova História em perspectiva**. Organização e Introdução de Fernando A. Novais e Rogério F. da Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

⁷⁷ AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. IN: **Cadernos Cedex**, ano XX, n. 51, novembro/2000, p. 92.

⁷⁸ Escola ou Movimento, pois muitos autores não consideram a Escola dos Annales uma escola propriamente dita por não terem diretrizes fixas.

⁷⁹ ZECHLINSKI, Beatriz. História e Literatura: questões interdisciplinares. IN: **História em revista**, vol. 9, dezembro/2003, p. 2.

⁸⁰ Id. Ibid., p. 2.

⁸¹ Id. Ibid., p. 4.

O que se percebe, ainda no século XIX é que esse discurso de “como realmente aconteceu” se torna cada vez mais uma verdade absoluta. Há então sempre uma busca pela verdade histórica. E a partir da década de 70, essa idéia de uma verdade histórica acaba sendo duramente criticada⁸².

Para Beatriz Zechlinski⁸³, se por um lado não se pode acreditar que uma obra literária trate apenas da realidade, é preciso ter essa mesma consciência em relação ao texto narrativo. Mas este trabalho não tem por intenção trabalhar com a questão da proximidade do trabalho do historiador com o literato. Aqui, propomos entender como se dá o uso das obras literárias enquanto fonte histórica. A possibilidade de uso de uma obra literária como fonte depende muito a que se refere e seu autor. Algumas narrativas são muito pessoais ou fantasiosas, mas mesmo nessas, há uma crítica social embutida ou até mesmo uma relação com a própria História:

Em muitas narrativas literárias, através dos personagens são resgatadas vidas do passado ou do presente, porque, mesmo que eles não tenham existido na realidade, representam pessoas reais. Essas histórias pessoais foram construídas dentro de contextos históricos, por processos que dependentes de suas próprias atitudes ou de conjunturas, assim, fazem parte da história⁸⁴.

É preciso entender que ao produzir uma obra, o autor parte de algum ponto, seja da realidade do social ao qual está inserido, da História ou de sua própria vivência.

Uma vez que a função da Literatura seja contar a história de alguém, vai partir desse sujeito enquanto ator e interventor de um espaço. Valoriza assim, as ações humanas. A Literatura permite um olhar sobre a História, para a História.

A leitura de uma narrativa literária é instigante porque nela encontra-se a fantasia, a exaltação das emoções, além de permitir o leitor se identifique com as personagens. O historiador não tem essa liberdade, encontra limites e muitas vezes não consegue aproximar o leitor de seu discurso. Os textos produzidos pelo historiador são para a academia. Assim, a reflexão feita pelos historiadores não chega a sociedade.

História e literatura por muito tempo estiveram distanciadas, como se falassem sobre assuntos diferentes em línguas distintas. Realmente, com o passar do tempo a linguagem historiográfica foi se diferenciando da literária, principalmente porque a disciplina histórica acreditava que a forma

⁸²ZECHLINSKI, Beatriz. História e Literatura: questões interdisciplinares. op. cit., p. 5.

⁸³ Id. Ibid., p.

⁸⁴ Id. Ibid., p. 7.

“científica” do texto poderia levá-la até a verdade. Sabemos hoje em dia que a escrita científicista e acadêmica é tão vulnerável quanto qualquer outra, pois se constitui em linguagem e, assim sendo, está necessariamente impregnada de representações sociais e culturais⁸⁵.

A Literatura e a História trabalham com temas comuns sob perspectivas diferentes. Mas a forma como se concretizam é a mesma: a escrita. E ambas compartilham do mesmo objeto, ou seja, o mesmo interesse pelo humano.

Virginia Camilotti e Márcia Naxara⁸⁶ mostram que uma produção literária pode ser uma fonte para a História ao e também uma fonte de história ao recuperar leituras sobre uma história do país. Isso se pensando na produção literária, enquanto algo que antecede a História:

Minha perspectiva [...] busca incorporar a produção literária não apenas como fonte para a história – reveladora de informações sobre os contextos sociais de uma determinada época, mas também, e especialmente, como fonte de história, na qual se pode recuperar as diferentes leituras que os autores concebem, através da ficção, a respeito da história do país.⁸⁷

Para Camilotti e Naxara o fazer historiográfico conta com riqueza de fontes, o que torna ainda mais importante a reflexão sobre o tema.

O documento é uma peça fundamental ao trabalho do historiador, porém é preciso que não se faça um culto excessivo, como se o documento não fosse passível de críticas. No caso do uso de obras literárias, não é diferente. Não se dá para pensá-las como um retrato fiel da sociedade. É preciso entender que mesmo Isabel Allende, sendo uma mulher que fala de mulheres, que não há possibilidade de colocá-las como verossímil, mas uma representação, ou seja, é a imagem que Allende criou para si e para outros dessas mulheres, apresentadas na sua obra. Portanto, o historiador deve se atentar ao lugar do escritor e estar sensível as muitas alteridades que podem existir dentro de uma única obra. Como qualquer fonte não se trata de um manancial de informações, mas sim um objeto passível de perguntas, que permitam a construção de um passado.

Allende representa mulheres de classes distintas e em momentos diferentes. A autora tem o cuidado de trabalhar com as personagens cada uma em seu espaço, o que era esperado

⁸⁵ ZEHLINSKI, Beatriz. História e Literatura: questões interdisciplinares. op. cit., p. 18.

⁸⁶ CAMILOTTI, Virginia & NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. op cit, p.30.

⁸⁷ FIGUEREDO, Aldrin apud CAMILOTTI, Virginia & NAXARA, Márcia Regina C., p. 35.

delas e principalmente, a forma como agiam diante disso. Nas obras *La casa de los espíritus* e *Ines del alma mia*, são personagens de tempos distintos, a primeira obra abarca desde o período da mineração até o golpe de 1973 no Chile e a segunda, do período da colonização. O próprio período de publicação dos livros são distintos, pois o primeiro data de 1982 enquanto o segundo foi publicado em 2006.

Quanto à questões da literatura escrita por mulheres ser associada as lutas pelos direitos iguais aos homens, ao trabalho, a questões como casamento e filhos. Importante enfatizar que Allende é expoente. Ela consegue se destacar num meio que até então só homens tinham sucesso.

As obras de autoria feminina têm como propósito uma tomada de consciência de seu papel social.

Além da questão social, ao se ter mulheres escrevendo sobre mulheres sobre as situações vividas em seus países, o caráter social da mulher, ainda deve se pensar na questão de que essas escritoras criam sua autonomia, independência financeira ao se ter um trabalho. São as relações estabelecidas pelo social que acabam por permitir essas mudanças.

Outra característica da autora das obras aqui estudadas é o fato de ser considerada uma das pioneiras em criar em suas obras um quadro com uma mulher urbana, independente, e revolucionária. Isabel Allende caracteriza personagens femininas que são ousadas e que, apesar de amaldiçoarem o fato de serem mulheres, não se sentem vitimizadas. Allende representa desde aquelas que quebram tabus até as que, por comodismo ou por não saberem como, se fixam nos padrões estabelecidos a elas.

Considerando o exposto neste trabalho, este capítulo enfatizou em seu conteúdo a que momento as discussões sobre representações se tornaram mais relevantes para a História, como abriu novos horizontes, possibilitando o uso de fontes que até então eram questionáveis, quanto a sua imparcialidade, sua autenticidade.

A Literatura traz ao historiador modos diferentes de se imaginar e representar o mundo, de entender as sociedades por prismas diferentes, uma vez que não dá para entendê-las como uniformes:

A literatura sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativamente para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência⁸⁸.

⁸⁸ KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra.op. cit. p. 158.

Não é só a mudança de olhar da História que permitiu o uso desse tipo de material como fonte, mas a própria Literatura passou por mudanças que permitiram isso:

Para os historiadores, o grande valor da literatura moderna reside em sua predisposição a explorar o movimento da linguagem e do significado em todos os aspectos da experiência social, política e pessoal. Os escritores criativos foram muito além das “antigas e estáveis concepções de mundo que os forçavam a produzir uma cópia literal de uma realidade supostamente estática”; eles percebem que todas as descrições do mundo permanecem abertas à contestação⁸⁹.

⁸⁹ KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. op. cit. p.159.

CONCLUSÃO

La casa de los espíritus e *Inés del alma mía* encantam seus leitores. São obras sensíveis, que propõe uma viagem ao leitor, vivenciando com cada personagem, se identificando com as mesmas. Isabel Allende não economiza nos detalhes, na caracterização de todas as personagens. A leitura é algo feito na intimidade. O uso do livro não deixa de ser problemático, em que a individualidade do leitor deve ser levada em consideração.

Este estudo procurou as personagens femininas em seus detalhes e de que maneira toca os imaginários de seus leitores. Para tanto, as obras precisavam ser entendidas em seu contexto de produção e de quem a produziu.

Ao se trabalhar com obras literárias, entende-se o mundo a partir das representações que são criadas sobre ele. As mulheres descritas por Allende criam tanto uma imagem dela quando a do outro.

Em cada obra, Isabel Allende descreve desde a camponesa até a mulher de elite, desde a que quebrou tabus até as que permaneceram dentro dos padrões estabelecidos, tudo isso dentro do universo a que cada personagem pertencia.

Isabel Allende constrói um perfil de mulheres, uma representação das mesmas, obedecendo as características de seus respectivos tempos históricos e posição social. Elas são mulheres que transgridem normas e padrões, questionam, porém não rompem (pelo menos totalmente) com esses padrões. Não deixam de serem mulheres possíveis. A própria Allende é um exemplo disso, uma mulher à frente de seu tempo. Allende é considerada uma das pioneiras em criar em suas obras um quadro com uma mulher urbana, independente, revolucionária. As personagens femininas são ousadas que apesar de amaldiçoarem o fato de serem mulheres, não se sentem vitimizadas.

Tanto em *La casa de los espíritus* quanto em *Inés del alma mia*, Isabel Allende fala de mulheres que lutaram contra tabus, padrões e modelos, mesmo que de forma tímida. Todas elas lutaram não só por sua independência, mas também por aquilo que acreditavam tornar o espaço em que viviam num lugar melhor, mais justo. Uma característica importante, é que essas mulheres são colocadas como movidas pela paixão aos seus companheiros e não por que são movidas por ideais próprios. Em alguns momentos, as paixões e os ideais se misturavam, como se essas mulheres não pudessem separar um do outro, que é o caso de Inés Suárez.

A temática “mulheres” ainda requer cuidado a ser estudada. Antes de apenas caracterizar cada personagem feminina de Isabel Allende, foi preciso entender a construção de

papéis sexuais, a dupla moral sexual, a construção de papéis sexuais diferentes para homens e mulheres. E o caminho percorrido para que “mulheres” se constituíssem em um tema de importância para a História.

O tema que norteou essa pesquisa já deixa claras as dificuldades, e as angústias por assim dizer, que iria passar. Trabalhar com representações ainda é um tema caro a História. Entender os objetos apenas como representações de um mundo, que são imagens que se faz de algo ausente, que vai condizer com a maneira como se vê ou ao menos como gostaria de que fosse, as certezas são abaladas e coloca em xeque todas as tentativas de se ter uma verdade absoluta. Mais do que isso, é preciso entender o que o conceito de representação tem a dizer.

O uso de obras literárias como fonte histórica traz também muitas questões, especialmente desconfiança, dada ao caráter fictício dessas obras. O documento é uma peça fundamental ao trabalho do historiador, porém é passível de críticas – e com a obra literária não é diferente. As obras literárias, não devem ser pensadas como um retrato fiel da sociedade. É preciso entender que mesmo Isabel Allende, sendo uma mulher que fala de mulheres, que não há possibilidade de colocá-las como uma versão verídica, mas uma representação, que se submete ao campo conceitual, ao que é permitido dentro da própria literatura. Importante ressaltar, que apesar das diferenças, História e Literatura tem como o mesmo objeto o ser humano e a mesma maneira de se concretizar, que é a escrita.

Assim, este trabalho busca perceber representações femininas a partir das obras *La casa de los espíritus* e *Inés del alma mía*, escritas por Isabel Allende. Consideramos que o que Allende nos traz é uma história de e das mulheres. Mesmo tratando-se de representações, elas não deixam de se configurar em mulheres possíveis!

ANEXOS

Resumo de *La casa de los espíritus*:

La casa de los espíritus, publicada em 1985, conta a história da família Trueba. É narrada nesta obra a realidade, os anseios, as lutas de cada personagem. Tudo com um pano de fundo mágico, espiritual. Apesar de toda a fantasia presente na obra, Allende não deixa de relacionar suas personagens com a realidade social, com a política enfrentada pelo país.

A autora escreve baseada em uma realidade vivida por sua própria família, complementando com alguns fatos e personagens fictícios. Esta combinação de realidade com ficção deixa a obra com um envolvimento no qual o leitor se sente dentro do imaginário criado pela autora.

A narrativa começa na casa da família *Del Valle*. Rosa, a mais filha mais velha de Severo e Nívea Del Valle, tinha uma beleza angelical, e foi escolhida por Esteban Trueba para se casar. Clara é a filha mais nova, e possui um dom especial que é o da clarividência. Este dom de Clara faz com que ela antecipe para a família que iria acontecer uma morte entre eles, mas que esta morte seria acidental. Rosa ingeriu aguardente envenenada – que na verdade era destinado ao seu pai, Severo Del Valle, homem muito envolvido com política e, portanto tinha seus inimigos - causando sua morte. Clara se culpava pela morte da irmã, pois achava que suas visões faziam as coisas acontecerem. Mesmo que a consolassem, a partir da morte de Rosa, Clara não mais falou uma palavra sequer. Só voltou a falar nove anos depois, anunciando que iria se casar com aquele que outrora tinha sido noivo de Rosa.

Esteban Trueba, enlouquecido com a morte de sua amada, descontente com a relação que tinha com sua irmã Férula e cansado da falta de oportunidades na vida da cidade, resolve voltar a fazenda que fora abandonada por seu pai e reerguê-la com o dinheiro que havia conseguido enquanto trabalhava nas minas para se casar com Rosa. Na fazenda chamada *Las Tres Marías*, Esteban Trueba conquistou poder, respeito e muito dinheiro. Anos mais tarde recebe uma carta de Férula relatando que sua mãe estava muito doente, quase à beira da morte. Esteban Trueba sentiu a mesma sensação quando recebeu uma carta anunciando anos atrás a morte de Rosa.

Trueba veio à cidade para encontrar com sua mãe que estava entre a vida e a morte, dois dias depois do encontro sua mãe faleceu. Este resolve então procurar a família Del Valle a fim de saber se na família existia alguma das filhas que ainda pudesse casar. O casal Del

Valle respondera a Esteban que a única era Clara, mas que a mesma era bastante diferente. O casal não hesitou em contar o porque a filha mais nova era tão diferente das outras. Mas apesar disso Esteban Trueba resolveu casar com ela. Algum tempo depois do casamento o casal Trueba tiveram uma filha com o nome de Blanca. Férula foi convidada por Clara a morar com eles logo após o casamento, uma vez que depois da morte de sua mãe, a quem dedicara todo seu tempo, não tinha para onde ir. Acabou por cuidar da casa e dos filhos que o casal teria, uma vez que Clara não tinha dom para os serviços domésticos.

É na fazenda *Las Tres Marías* que a família resolve passar o verão, e onde Blanca faz amizade com Pedro Terceiro Garcia, filho e neto de colonos. Esta amizade irá se transformar futuramente em um conturbado relacionamento. Clara engravida novamente, desta vez de gêmeos.

Esteban já não mais agüentava de ciúmes de Clara com sua irmã Férula, ele achava que Férula se metia muito no seu relacionamento. Por passar muito tempo cuidando de Clara, Férula nutre um amor pela mesma, tendo ela também ciúmes da relação entre Clara e Esteban. Um dia após retornar de *Las Tres Marías* viu Férula deitada na cama de Clara, para ele este foi o estopim. Mesmo com os pedidos de Clara dizendo que não a mandasse embora, Esteban mandou Férula embora de sua casa.

Além de Blanca e dos dois filhos gêmeos Nicolas e Jaime, Esteban tinha mais um filho antes mesmo de se casar, fruto de sua relação com uma campesina de sua fazenda, e levava seu nome, mas tinha o sobrenome da mãe, se chamava Esteban Garcia. Este filho bastardo estará destinado a cumprir um trágico papel na vida da família.

Nicolas e Jaime eram os opostos. Brigavam por quase tudo. Nicolas era aventureiro, e depois de muitas de suas peripécias e uma viagem a volta ao mundo, torna-se praticante de meditação e yoga e dedica toda sua vida ao lado espiritual. Jaime formou-se médico, mesmo que o pai exigisse que fosse advogado, e dedicou toda a sua vida a ajudar os mais necessitados. Ambos nutriam um amor incondicional por Amanda, uma jovem enigmática que acabou por não fazer parte da vida dos dois. Amanda tinha um irmão mais novo chamado Miguel, que mais tarde, voltará a ter contato com a família *Trueba*.

Blanca alternava entre a cidade e o verão em *Las Tres Marías*, quando estava na fazenda encontrava o seu amor Pedro Terceiro. Este relacionamento iria encontrar vários obstáculos e o principal deles seria seu pai Esteban Trueba. Pedro Terceiro começou a ter contatos com idéias socialistas e estava propagando estes ideais dentro da propriedade de Trueba. Mesmo assim Blanca não deixou de encontrá-lo, e nesses encontros amorosos, a moça sempre recomendava a Pedro para que tomasse cuidado, uma vez que suas idéias não

eram bem vinda entre os fazendeiros, especialmente seu pai. Quando Esteban Trueba, através de Jean de Satory (conde e interessado em se casar com Blanca), se deu conta que sua filha estava se encontrando com Pedro Terceiro Garcia resolveu matá-lo porém, naquela mesma noite, Pedro fugiu e se manteve escondido. Trueba ofereceu uma recompensa para quem entregasse Pedro, até que o filho de Esteban Garcia, que tinha o mesmo nome do pai, resolveu entregar o cativo do mesmo. Pedro conseguiu fugir e Trueba só aumentou o seu ódio pelo rapaz.

Neste momento, no cenário político, a onda socialista crescia ainda mais tomando espaço dos conservadores. Foi neste momento que Trueba resolve se candidatar pelo Partido Conservador e conseqüentemente se elege senador mesmo sua família não apoiando suas convicções políticas.

Quando Esteban Trueba descobre a gravidez da filha resolve arranjar para ela um casamento às pressas com o conde. Apesar de ter se casado contra sua vontade, afinal ainda amava Pedro Terceiro, nunca chegou a consumir o casamento. Blanca se casou, pois imaginava que Pedro Terceiro estava morto. Blanca deu a luz a uma menina, Alba, que para Clara nascia com sorte.

Quando Alba completou sete anos a família Trueba sentiu uma perda muito grande, o falecimento de Clara. O que mais sofreu com essa morte foi Esteban Trueba, que apesar de não mais ter um casamento propriamente dito, ainda gostava dela com a mesma intensidade de quando a conheceu.

Debilitado pela idade, cansado de uma solidão que a cada dia crescia dentro de seu corpo, Esteban Trueba ainda pode ver a decepcionante trajetória de sua neta Alba ao se envolver com socialistas. Para ele, isso era o final da vida e desejava descansar no Mausoléu feito por ele - que continha o corpo de Rosa e Clara.

Mas as forças de Esteban Trueba voltam quando já estavam próximas as eleições. Com a força que o acompanhou por toda a sua vida, tinha a convicção que o poder não iria sair das mãos dos conservadores. Apesar de a esquerda ter a confiança de que ganhariam as eleições, o Partido Comunista não cantou vitória até o termino da apuração dos votos, anunciando sua vitória.

É no contexto do golpe que Blanca refugia Pedro Terceiro em casa por vários meses e pede para seu pai ajudá-la a retirar ela e Pedro Terceiro do país. Trueba ficou meio receoso de ajudar Pedro, afinal os dois foram marcados por um relacionamento de ódio. Mas com a crueldade que o atual regime estava tratando os perseguidos políticos, Trueba resolveu ajudar ele e sua filha a se exilarem no Canadá.

Trueba se viu praticamente sozinho, ficando apenas na companhia de sua neta Alba. Por um bom tempo, Alba utilizara a casa de seu avô para esconder pessoas perseguidas pelos militares. Após algum tempo, Miguel (irmão de Amanda), o grande amor de Alba – ela o conheceu na faculdade -, e um dos mentores dos comunistas a visitou em casa. A polícia política sabendo de sua ligação com Miguel, fora até a casa de seu avô Senador Trueba e a levaram a prisão. Apesar dos vários contatos que ele tinha por ser senador, nada nem ninguém foi capaz de ajudá-lo a retirar sua neta Alba das mãos da polícia política.

A ironia do destino de Trueba fez com que o capitão que prendeu e torturou Alba durante semanas fosse Esteban Garcia. Garcia não mais queria saber do paradeiro de Miguel nas seções de torturas com Alba. Era bem mais do que isso, ao torturá-la ele se vingava pelo fato de ter sido rejeitado por Trueba.

Miguel encontra Trueba e o aconselha a procurar uma cafetina que possuía contatos dentro do atual governo. Coincidentemente esta cafetina era uma antiga amiga de Trueba. E foi ela que através dos seus contatos conseguiu a libertação de Alba. Porém, ao sair da prisão, Alba descobre que está grávida, e vítima de tantas violências sexuais, não sabia precisar se o pai do filho da criança que estava esperando era Miguel ou seu carrasco.

Em *La casa de los espíritus* podemos ver como o golpe de estado que derrubou o presidente eleito pelo Partido Comunista Salvador Allende, influenciou a vida dos cidadãos chilenos. O estabelecimento da ditadura militar de Augusto Pinochet castigou e marcou com torturas e mortes por vários anos a história do Chile.

Resumo de *Inés del alma mía*.

Esta obra conta a história de Inés Suarez, uma jovem costureira espanhola. Inicialmente, seu avô a escolheu para que não se casasse e ficasse responsável por cuidar do mesmo durante a velhice. Porém, Inés se apaixona por Juan, homem ambicioso que pouco depois do casamento decide partir para a América a fim de enriquecer.

Na América, Inés descobre que seu marido já está morto, e mesmo assim decide continuar na América. Conhece e se apaixona por Pedro de Valdivia, mestre-de-campo de Francisco Pizarro, ao lado de quem Inés enfrenta os riscos e as incertezas da conquista e fundação do reino do Chile.

Juntamente com Catalina, uma mulher indígena que adotara o nome e os costumes cristãos, sempre esteve ao seu lado aconselhando e apoiando. Inés sempre pode contar com a fidelidade de Catalina.

Pedro de Valdívía é um bom homem, atencioso, mas que nada sabia sobre agradar uma mulher, uma vez que sua esposa, Marina Ortiz de Gaete era ainda muito jovem quando se casaram, coube a Inés a ensiná-lo a arte de amar.

A viagem até é árdua e cansativa. E mesmo quando chegam ao território onde resolvem se fixar, encarando grandes dificuldades naturais da terra, como falta de água, mas principalmente os agentes externos, como os nativos. Os Mapuches eram considerados os índios mais ferozes de todo o Novo Mundo, por causa deles diversas expedições fracassaram. Depois de muito vagarem pelo deserto, a comitiva de Francisco Pizarro chega até o território do Chile, onde com a ajuda de Inés fundam a primeira cidade, Santiago. Diferente de outras expedições que buscavam riquezas, a comitiva está muito mais inclinada à formação de uma sociedade justa, onde a força do trabalho seria respeitada mais do que o ouro. Começa, então, a colonização.

As lutas foram sangrentas para a conquista do território. Todos sofreram perdas. Inés trabalhou muito como enfermeira e cozinheira, como as demais mulheres da aldeia. Muitas vezes, eram assolados pela fome.

Logo após a conquista, uma aldeia é formada, e não tardou para Pedro de Valdívía ser chamado de governador do Chile, embora ele mesmo não quisesse esse título por respeito a seus superiores, no caso Francisco Pizarro. Apesar de todo companheirismo, em uma ida a encontrar Pizarro, Valdívía trai a confiança de Inés, a abandonando. Dessa maneira, Inés toma para si a função de cuidar da aldeia, que viria a se tornar Santiago.

Para esta empreitada, Inés conta com a ajuda de Rodrigo de Quiroga, soldado de Valdívía, com quem acabou se casando e foi seu companheiro até o final da vida. Quiroga era casado com uma indígena. Tinham um casamento feliz e tiveram uma filha chamada Isabel. Sua esposa falece, deixando Quiroga totalmente perdido. Acaba por pedir a Inês que cuide de sua filha. Inês aceitou prontamente e acaba a adotando Isabel como sua filha, já que sempre teve vontade de ser mãe, mas nunca conseguiu engravidar.

Fundadora então de Santiago, a jovem pobre quando saiu da Espanha, a procura do marido na América, se tornou uma mulher rica, poderosa e respeitável.

A narrativa de Allende é densa, com muitos detalhes, embora não tenha tantos personagens. Ao contar a sua própria história, Inés narra cada personagem com suas características e maneiras de ver o mundo.

FONTES

ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. 1ª Ed. Buenos Aires: Editorial Sudaericana, 1985.

ALLENDE, Isabel. **Inês del alma mia**. 1ª Ed. Buenos Aires:Areté, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. IN: **Cadernos Cedex**, ano XX, n. 51, novembro/2000

ALLENDE, Isabel. **Mi país inventado**. Buenos Aires: Debolsillo, 2004.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985, p. 303.

CAMILOTTI, Virginia & NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. IN: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan/jun. 2009. Editora UFPR.

CAULFIELD, Sueann. As lutas das mulheres por autoridade IN: **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Tradução de Elisabeth de Avelar Solano Martins. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: Essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos e leituras. IN: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Algés: DIFEL, 2002.

_____. O mundo como representação. IN: **Estudos avançados** 11(5), 1991.

CORTÍNEZ, Verônica. El pasado deshonroso de Isabel Allende. IN: **Revista Iberoamericana** LX.168-169 (July-December 1994): 1135-41.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Diversidades regionais: ditaduras no Prata, o reformismo militar no Peru e na Bolívia, a experiência socialista chilena. IN: **História contemporânea da América Latina: 1960-1990**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1993.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. IN: **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOPEZ, Luiz Roberto. A conquista. IN: **História da América Latina**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. IN: **Revista Brasileira de História**: representações. Vol. 15, p. 09.
- PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. IN: **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Córrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação de mulheres nas lutas pela independência da América Latina. IN: **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração, 1999. PP. 28-51.
- RIBEIRO, Edméia. A moral sexual: o discurso dos segmentos sociais. IN: **Meninas Ingênuas**: Uma espécie em extinção? Práticas, representações femininas e discurso do judiciário em Maringá – 1950- 1980. Curitiba: Aos quatro ventos, 2004.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. IN: **A Escrita da história**: novas perspectivas. Organização de Peter Burke. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, PP. 65.
- STEARNS, Peter N. A base tradicional: civilizações e patriarcado. IN: **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.
- WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. IN: **Nova História em perspectiva**. Organização e Introdução de Fernando A. Novais e Rogério F. da Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- ZECHLINSKI, Beatriz. História e Literatura: questões interdisciplinares. IN: **História em revista**, vol. 9, dezembro/2003.
- SEVCENKO, Nicolau. Confronto Categórico: a Literatura como Missão. IN: **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1985.